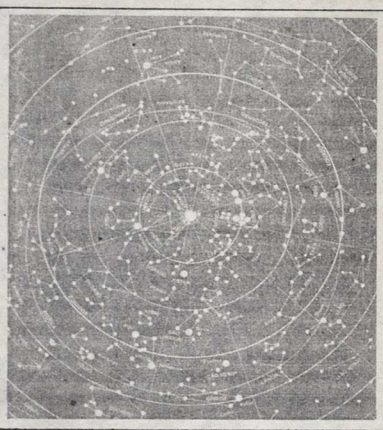
O GALO
JORNAL CULTURAL
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO — COMPANHIA EDITORA DO RIO GRANDE DO NORTE-CERN

GALÁXIA PARA HAROLDO DE CAMPOS

Sumário

Toura 03
Tarde entre veredas e mistérios 04
ZEN e a arte de lavar pratos 05
Declaração de amor para Joana Francesa 06
Poema para Jorge Luís Borges 07
Entreato 08
Preservação de Memória Cultural 09
Sebos: Um movimento em ascensão 10
Noite/Tresnoite 12
Uma Lente capta o que a um olho seduz 14
Kleptocracia e parasitismo no Brasil 18
Contemporaneidade do Folclore 20
O sentido social e educativo da lúdica infantil 22
Livros e Autores 23
O Galo Conta 24
Cartas dos Leitores 26



Capa: **J. Medeiros** (J. Medeiros é artista multimedia. Fundou em 1983 o setor de multimedia do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN. É membro acadêmico benemérito da Real Academia de Filgueira-Portugal)

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
Governador
GERALDO MELO
Presidente da Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Presidente da Companhia Editora do Rio Grande do Norte
WALTER MEDEIROS

Editora
MARIZE CASTRO
Secretário de Redação
EMANOEL AMARAL
Diagramação, Programação Visual e Arte-Final
EMANOEL AMARAL
GILBERTO ALVES
Revisão
BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO
Assessor para Fotografia
GODEIRO JR.
Montagem
MARCOS DE LIMA
SOCORRO SOARES

Redação: Rua Jundiaí, 641 – Tirol – Natal – Rio Grande do Norte – CEP 59020 – Tel.: (084) 221-2936. A editoria de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

Composição, fotolitos da capa e contra capa: Gráfica Santa Maria
Impressão: Companhia Editora do Rio Grande do Norte-CERN

Editorial

Há quase dois anos partia Luís da Câmara Cascudo, [aos] então 87 anos de idade. Foram muitos anos dedicados [ao] folclore e à história do Rio Grande do Norte. Um [pes]riador de ouro. Um pesquisador eficaz. Incansável. Co[n]testador e contestado. A cultura do Rio Grande do No[rte] não seria a mesma sem Cascudo. Um canguleiro, habitante da Cida[de] Baixa na antiga Natal, quando a cidade tinha apenas 30 mil habitantes [e] era iluminada por 90 candeeiros. Um homem, antes de tudo, apaixona[do] por Natal, daqui nunca saiu, nem mesmo para ser senador, como quer[ia] Getúlio Vargas, nem reitor da Universidade de Brasília, como era o d[e]sejo de Juscelino Kubistchek. "Fiquei em Natal, só, pobre e feliz. Sou [o] que Diógenes da Cunha Lima me chamou: um brasileiro feliz", disse certa vez Cascudo, com a certeza que habita certos homens. Aqueles que co[n]seguem vencer a vaidade e ignorância.

Agosto. Mês do Folclore. O GALO na ausência de Câmara Cascudo homenageia-o através da foto de Carlos Lyra, jornalista e amigo de Cascudo que durante anos registrou vários momentos do historiador.

Neste número, os também folcloristas Deífilo Gurgel e Veríssimo de Melo se fazem presentes. Deífilo nos fala da contemporaneidade do folclore, enquanto que Veríssimo envereda pelos caminhos do folclore infantil.

"Toura é o feminino de ouro". O verso é de Haroldo de Campos e inicia o poema que ele ditou por telefone para O GALO, devido a greve na época, do correio de São Paulo. O poema abre esta edição. Haroldo estará em breve aportando por aqui, por isso e por tudo a homenagem na capa de J. Medeiros ao poeta das "Galáxias".

A instalação do parasitismo no nosso país é abordado com perspicácia por Nestor dos Santos Lima. Ao mesmo tempo que se mostra perplexo Nestor nos oferece uma análise lúcida sobre a vida parasítica que assola esse país de escândalos, miséria e abusos.

Vender livros usados em Natal parece ser um negócio lucrativo. A cada dia cresce o número de sebos na cidade. Há muito burburinho, ebulvescência. O jornalista Anchieta Fernandes nos passa algumas das informações sobre o movimento sebista que está se estendendo por toda Natal, desde os precursores aos atuais sebistas que dinamizam essa atividade de trocar e vender livros, revistas e discos usados.

Dia 19 de agosto. Dia mundial da fotografia. Neste número estão alguns trabalhos dos fotógrafos da cidade. Sem dúvida, um momento de reflexão para se pensar a fotografia norte-riograndense. Quais os seus caminhos? Quais os seus maiores cúmplices e obstáculos? O que fazer para a margem ficar mais próxima e favorecer aos profissionais da fotografia o seu merecido lugar, mesmo com todos os empecilhos e pedras que rolam.

Preservar, não esquecer nem destruir o que foi construido e que deve permanecer na memória cultural da cidade. A arquiteta e presidente da Associação Potiguar de Albergue da Juventude, Márcia Monteiro, esclarece o que é o Projeto Reciclagem, que irá adaptar o "Grande Hotel" da Ribeira em albergue. Segundo ela, a implantação desse projeto vai incentivar a revitalização do bairro. Esperamos que assim seja, pois a Ribeira apesar de toda promiscuidade e dor, a própria poesia.

"Não perder a hora dessa aura", a palavra está com o poeta João da Rua, que nos surpreende e emociona com uma prosa extremamente poética.Tarde entre veredas e mistérios. "O sol palavra sol que brilha", assim mata João.

"O poema é um fruto podre da existência", no final do ENTREATO o poeta paraibano Celso Japiassu, afirma com muita paixão e compaixão uma verdade muito sua e alheia ."que o poeta deve ser triste eis a lei fundamental", Zanoni Tadeu, poeta que acredita no "clic", "plim" "boom", na magia que envolve musas e anjos, comparece com ZEN e a arte de lavar pratos.

"Quantas noites a noite emprenha cada noite?", o verso é do poeta ridoense Luís Carlos Guimarães, que se "derrama" em NOITE/TRESNOITE, num momento de singular poesia.

Ainda há luz em Rabelo que homenageia Jorge Luís Borges,e Sebastião Vicente que se declara numa crônica (com muito humor) para a poetisa "provinciana".

Eis o sexto número de O GALO. Todas as lutas são válidas quando se sabe realmente o que se quer. O GALO a cada dia ocupa o seu verdadeiro espaço. Que o digam as cartas que nos chegam de todo o país. Agradecemos o incentivo e esperamos continuar cantando juntos. Com toda [a] e lucidez necessárias.

toura

"escrevo assim minhas palavras
na voz de uma mulher sagrada
vaca profana, põe teus cornos
pra fora e acima da manada"

vaca profana — caetano veloso

é o feminino de ouro

a pele moura o tesouro

guardado a crina que loura

a prátea fala o silêncio

de nó cortado a tesoura

a seda o lençol de ouro

a pele toura tersa o douro

rio cuja foz toda se oura

a voz que aura como ouro

é o masculino de toura

haroldo de campos
rio de janeiro 18 de julho de 1988

programação visual: j. medeiros

Tarde entre veredas e mistérios

João da Rua

"e a coisa mais certa
de todas as coisas
não vale um
caminho sob o sol"

Caetano Veloso

Não perder a aura dessa tarde, lembrando-a através de imagináveis clichês: paisagem deserta, momento efêmero de luz, calmaria entre hecatombes. Mas revê-la na memória, sentindo-a como vereda de Rosa ou os mistérios de Clarice, passeio de muito gozo, que por mais rápido que seja, provoca voltas, retornos, outras visões, epifanias. É imperdível essa aura, que já é aquela, outra e outras, sendo sempre a mesma, metamorfoseada. Mundana meditação de um distraído na flanérie da vida, onde os deuses são banais como uma discussão pós-moderna num boteco da moda. A aura é o que totemiza a tarde no cenário em ruínas que comporta a vulgaridade e o caos, no provincianismo urbano onde se embaralham linguagens.

Não perder a aura dessa hora, única, nem mesmo reproduzível em sonhos. Fazer de sua memória sua concreção mais bela, seu registro imperfeito, sua contínua transformação, sua eterna dissipação, sua idade de anos-luz. Porque a possibilidade de retê-la não existe, e a beleza é a da inutilidade do alumbramento, só percebível pelo outro na recriação dessa memória escrita, que está sempre se reescrevendo, onde o possível é virtual. Que essa escrita em movimento, que conta a história dessa hora, se mantém aurática no que ela não diz, no que fica em transe, no trânsito dessa memória. Mistérios de Rosa ou veredas de Clarice, a estrada é longa e recordá-la, hora-supernova, faz a alma clara, mesmo quando obscura, lugar de tensão. O prazer dessa hora, diga-se dessa memória, se faz dos conflitos, dos contrários, do que se ousar usar de novo com outra cor, de outra forma. O sol que se liberta da palavra e cintila a mesma luz do astro na memória. O sol palavra sol que brilha.

Não perder a hora dessa aura, como oportuna e por acaso, acontecendo num intervalo entre o céu e o inferno, na distração desmedida, no inconveniente do expediente, no descompasso da palavra, na imprecisão do sentido. Ali no vazio onde nada significa e tudo pode surgir. No ermo de uma estação sem luz onde uma estrela pode traçar seu brilho.

João da Rua é poeta. Autor dos livros "... porada de Ingênios" e "Livro de Bolso".

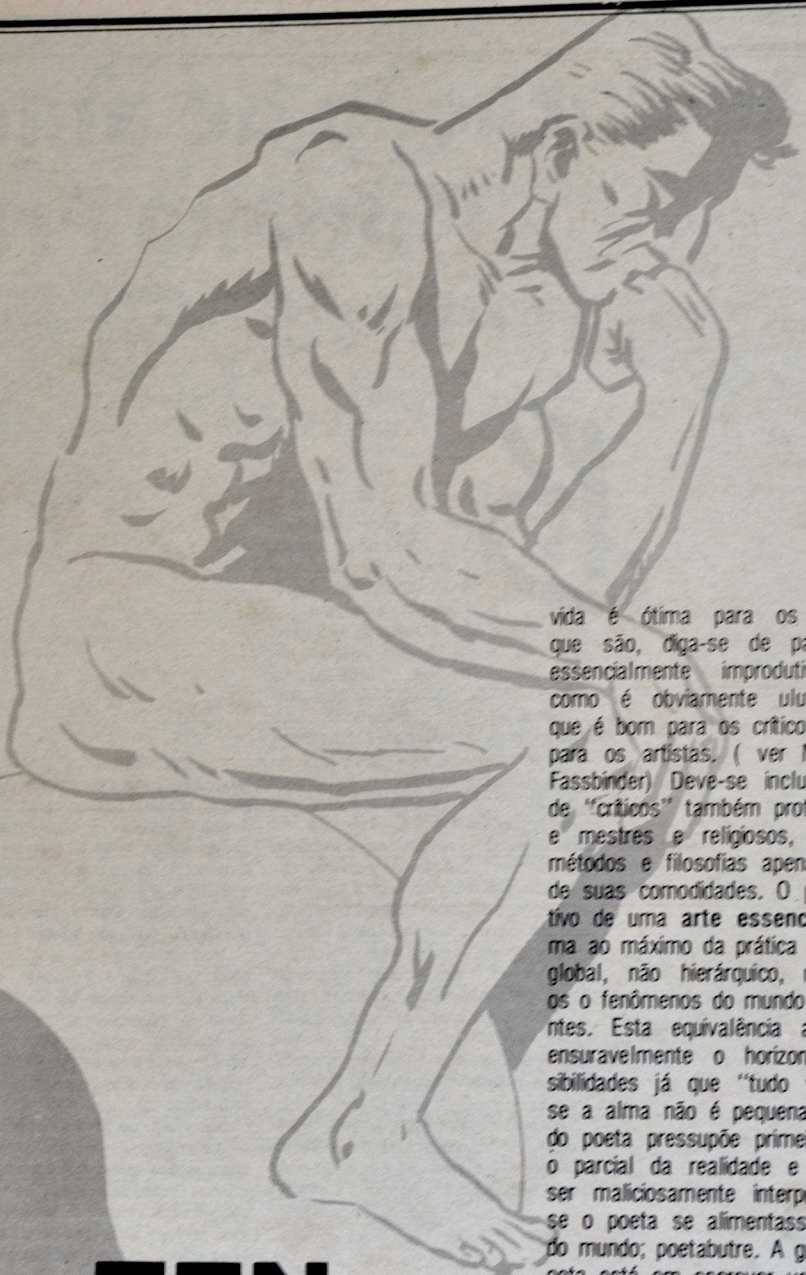


Ilustração: Socorro Soares/Emanoel Amaral

ZEN e a arte de lavar pratos

Zanoni Tadeu

que o poeta deve ser triste eis a lorota fundamental. Todo o processo essencialmente criativo é espontâneo; o tal insight, o clic, plim, boom, estalo e até mesmo o quáck são indescritíveis amorais e atemporais. É fundamental na filosofia das ciências a distinção entre contexto de descoberta e contexto de justificação sendo o segundo maquiado de acordo com as conveniências "científicas" e pedagógicas. A tristeza do poeta pressupõe uma filosofia, um referencial moral e existencial. Uma criação inventiva e revolucionária não pode se dar ao luxo de ser bem-comportada nem sequer ter a pretensão de ser inventiva e revolucionária. Apenas nasce, pinta. Nasce de uma necessidade física indeterminada. ("apessoa que nasce onde eu nasci e toca, tem música em todos os poros"–hermeto) A intensidade desta necessidade e a amoralidade, falta de pré-conceitos com que é expressa talvez seja um bom parâmetro para o que se chama talento e genialidade. Será que Einstein teria criado o que criou se levasse a sério o comentário dos críticos? Sua audácia não perdoou nem o conceito mais santificado física e filosoficamente, o de tempo absoluto. A filosofia como a arte da dúvida é ótima para os críticos que são, diga-se de passagem essencialmente improdutivos, e como é obviamente ululante o que é bom para os críticos não é bom para os artistas. (ver Maiakoviski e Fassbinder) Deve-se incluir na patota de "críticos" também professores pais e mestres e religiosos, suportes de métodos e filosofias apenas em razão de suas comodidades. O processo criativo de uma **arte essencial** se aproxima ao máximo da prática ZEN; um ato global, não hierárquico, no qual todos os fenômenos do mundo são equivalentes. Esta equivalência alarga incomensuravelmente o horizonte das possibilidades já que "tudo vale a pena se a alma não é pequena". A tristeza do poeta pressupõe primeiro uma visão parcial da realidade e depois pode ser maliciosamente interpretada como se o poeta se alimentasse da carniça do mundo; poetabutre. A grandeza do poeta está em escrever versos, montar poemas fazer poesia. **Apenas fazer** poesia. "Não sou alegre nem sou triste sou poeta". A universalidade do ser se manifesta no poeta da mesma forma que se manifesta no porteiro que "gasta" toda sua vida recebendo nossos ingressos. –Quem lavava os pratos enquanto Guima Rosa escrevia o Grande Sertão:? – Veredas!

Zanoni Tadeu é, segundo ele próprio, professor e ex-datilógrafo de Teacher's.

Declaração de amor para Joana Francesa

Sebastião Vicente

Bom dia para os defuntos. Defuntos vírgula. Somente àqueles que sucumbiram à Joana Francesa, a morena que deixou para trás a Jandira, musa absoluta de Murilo Mendes. Joana Francesa, caros viventes, é uma poetisa interiorana que, como toda boa provinciana, adora a metrópole. O pior é que a cidade que para ela é metrópole, não passa de uma província comparada a outras. No final, é tudo uma questão de relatividade – o conceito mais acessível (você o encontra nas prateleiras de qualquer supermercado) depois que Einstein veio ao mundo. Falando em mundo, Joana Francesa, que apesar do sobrenome é brasileira, apesar do apelido é mundana. Melhor, potencialmente mundana. Na Itália, que ela só conhece por fotogramas iluminados a carvão, se chamaria Giani. No Rio Grande do Norte, de onde raras vezes saiu, chama-se Jeanne. Mas abomina o próprio nome, considera-o realista em demasia. Por isso, adota o pseudônimo de Grace.

Mas você deve estar se perguntando, como se perguntaram todos os defuntos que tiveram a coragem de bater na sua porta – sempre ensanguentada, para espantar os discípulos, quem, afinal, é Joana Francesa?

Joana Francesa, repito, é uma poetisa provinciana. Olhando nos seus olhos, o mais desatento dos homens e o mais quadrúpede dos animais não deixaria de constatar: Como são difíceis as poetisas! Como são poetas os poetas...

Mas deixemos de lado as abstrações que Joana Francesa estimula. Você quer conhecê-la? Não há de ser nada. Acontece que até para isso, Joana Francesa impõe jogos. Dificilmente você poderá provocar o mais leve arranhão na sua vida, tangenciar a mais indivisível de suas células, sem que o tenha feito de forma ilusória. Se você for militante, fala em idioma classista, nunca terá a menor atenção de Joana Francesa. Ela só se relaciona socialmente enquanto sonolência. Haverá sempre uma luz suave recobrindo seus olhos quando estiver a contemplá-la. Mesmo que não seja míope, não adianta, você a verá desfocada.

Portanto, amigo vivente, não esperneie e nem apele ao materialismo marxista. Com Perestroika ou não, os contatos com Joana Francesa serão sempre do terceiro grau e, caso você tente fotografá-la, o negativo copiado vai revelar somente a imagem de um cogumelo atômico. Se você está co vencido, acho que podemos começa

Em primeiro lugar, Joana Franc detesta a hierarquia. Portanto, re mecemos: quando entra em depre são, como não pode se abandon numa visão do mar – isso a estimu a acalma, ao mesmo tempo - ela contenta com o quadro avermelha do pôr-do-sol seridoense. Em dias festa popular ela chora exatos dez pingos de lágrimas. Digo porque mesmo contei (não duvidem!). A poe tisa, é claro, lê. Nos livros, ela tem retransformar seus sentimentos, m sempre retorna à condição de solitá inconformada, mal amada (imagine outros adjetivos progressivamente se sestimulantes.

Quem conhece Grace superfici mente, não a reconhece nas suas po sias. Se muito bem induzidos, adm tem o fenômeno da dupla personal dade. Mas Grace e Joana Francesa são a mesma pessoa. Talvez até seja mu personalidade. Neste caso eu conc daria: Mãe, Filha e Espírito Santo. vezes, não resisto e repito o clichê vou salue, Joana Francesa. Ora p nobis. E boa noite para os defun – todos eles, inclusive os vítimas pela Aids. Agora é brincar de viver.

Sebastião Vicente é poeta e jornalis

Poema para Jorge Luís Borges

Luiz Rabelo

Porque conhecemos a mágoa
que perturba
em seu mármore sem palavras
em seu mundo imóvel e mastro roto
por isso
já nos nascem tortos
muitos lábios
e luas e luas se dissolvem
se desluzem
inlatescentes
imagens de um catafalco cotidiano
de cinzas
cego
borgeano.
E apesar disso
nada importa.
Nem sequer um grito
(ou gesto)
irreprimível
à procura não sabemos do que
(do pássaro
da lua
do sol
do ar)
pois nada há
a ressurgir
de tudo que vive e se renova
de sua própria fonte
não breve
sim imortal.
E esta certeza de vida
pesa irreversível desde as auroras dos dias
dos caminhos sem espelhos.
Portanto
entenda-se
que cansei da vida
e a vida não se cansa de mim.
E nem sei o que faça daquilo que
constante amadureço
e inutilmente
tego.

Luiz Rabelo é poeta e trovador. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

ENTREATO

Celso Japiassu

Em mil novecentos e cinquenta e sete,
quando nos encontramos numa rua do Recife,
viela de paralelepípedos irregulares,
estávamos lendo Folhas de Relva,
dissemos que a tradução de um poema
mantinha a vida um pouco mais serena.

Dezoito anos de vida nos pesavam
naquela estreita rua do Recife.
As prostitutas jovens nos amavam,
a elas pretendíamos
dedicar poemas que transcenderiam
as suas e as nossas existências.

Éramos poetas, buscávamos palavras,
tínhamos ódio dos adjetivos,
tentamos dizer que a mudez é um poema,
o silêncio calmo, o mergulho uma serpente.
O mundo era um teatro, a nós cabia
representar o belo, se existisse.

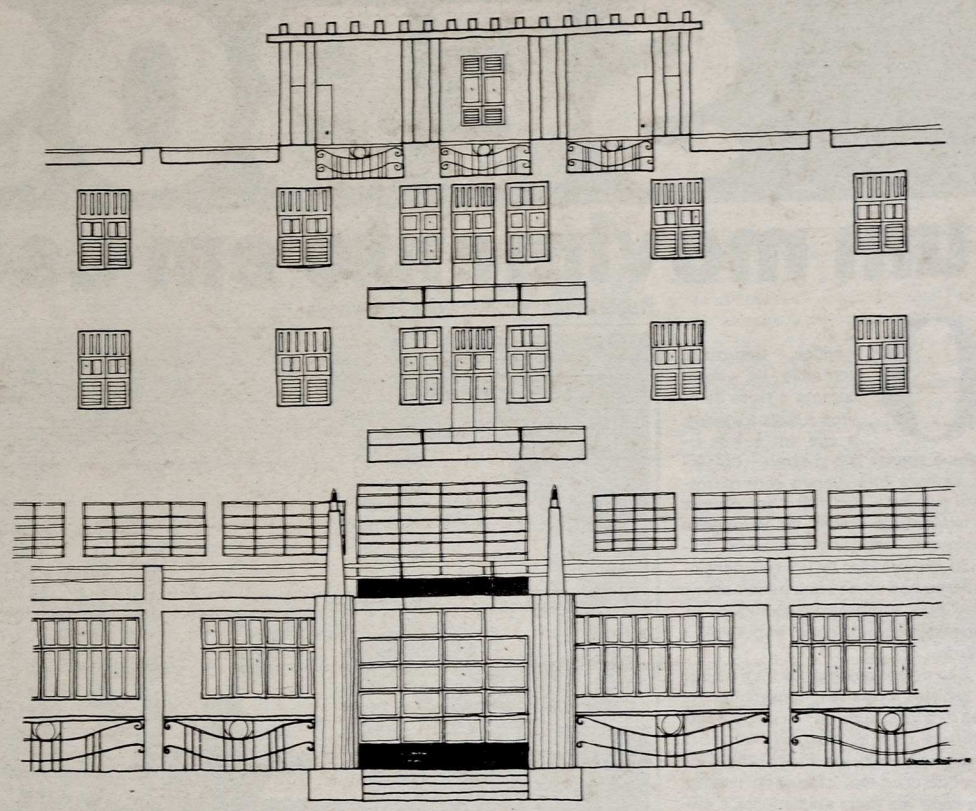
Refizemos palavras, entendemos que o sentido
das coisas é mutável; o ser, apenas existir
e permanecer no âmago da chuva
é receber no rosto a tempestade.
Compreendemos a força dos sentidos
que o amor traz consigo em suas voltas.

Nada nos confundia no Recife,
pois aprendêramos a amar as despedidas.
Os poetas que líamos, Dylan, Whitman,
Calderón, Pessoa, Valery e Augusto dos Anjos,
todos nos dizendo que a paixão nos perseguia,
a memória não existia.

Quem soube do amor naquele tempo?
Odiávamos os adjetivos, o poema
seria silente e seco, duro como um grito
solto na madrugada, arrebentado pela fome
dos aflitos.
Estávamos cansados mirando a madrugada.

Cansados como hoje, nesta manhã
de mil novecentos e oitenta e oito,
quando senti que tua morte interrompeu
o que deveria ser e que não foi,
não mais será porque jamais te disse:
o poema é um fruto podre da existência.

Celso Japiassu é poeta e publicitário, paraibano radicado no Rio de Janeiro.



Desenho: Márcia Monteiro

Parte da fachada principal do "Grande Hotel", enfocando o acesso central

Preservação de Memória Cultural x "Grande Hotel" da Ribeira

Márcia Monteiro

A cidade é um ser vivo que está constantemente evoluindo, transformando-se, enfim, é obra de todos, empenho continuado de gerações.

Nas últimas décadas a cidade do Natal expandiu-se de maneira acelerada e as construções foram surgindo de forma excessivamente racionalista, desaparecendo com esse processo, parte dos valores culturais próprios da cidade. O grande desenvolvimento da industrialização na construção, marcou profundamente a paisagem urbana, tornando-a monótona e representativa de valores comerciais que visam o lucro e cuja tendência, é a uniformização do pensamento.

Deste modo, o povo natalense precisa garantir a compreensão de sua memória, preservando o que for significativo. Como exemplo, podemos citar o bairro da Ribeira, citação lógica, quando o reconhecemos como detentor de um rico acervo arquitetônico (que se encontra em fase de desaparecimento).

No final do século XVIII o bairro da Ribeira, localizado entre as Rocas, Cidade Alta e o rio Potengi, caracterizava-se por ter um solo alagado, provocado pelas constantes cheias do rio, ocasionando uma ocupação lenta da região. O povoamento na área teve início durante aquele século, com a construção de várias casas nas ruas Chile, Dr. Barata e Gal. Glicério. A construção do cais do porto, a transferência da administração municipal (anteriormente localizada na Cidade Alta), para a Ribeira em 1869, foram fatores que contribuíram sensivelmente para o desenvolvimento do bairro, que muito se expandiu no final do século XIX e início deste. A Ribeira tornou-se sede de um centro comercial movimentado que servia de canal de escoamento das importações e exportações (sal marinho, algodão, peixe seco), dominando o panorama econômico da época. Devido a esse desenvolvimento, o bairro constituiu-se em um local onde estavam localizados os principais prédios comerciais, administrativos e sociais da época. Com a II Guerra Mundial, a cidade vivenciou novos costumes e o comércio aumentou consideravelmente. O "Grande Hotel" que foi construído entre os anos de 1937-38, na gestão do Interventor Raphael Fernandes, obra de J. Munier, acolheu figuras ilustres. Dizem que até Glenn Miller e sua orquestra se hospedaram no hotel. Não pudemos comprovar essas informações porque os livros de registro de hóspedes da época já não existem e o que se sabe ficou registrado na memória dos que presenciaram esse período. Augusto Severo Neto, no artigo intitulado "Velho e Sentimental Grande Hotel" (Jornal Tribuna do Norte, 25/10/87), nos diz: "...ali estiveram Dircinha Batista, Elisete Cardoso, Ivon Cury, Dalva de Oliveira... Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Sílvio Caldas, Francisco Alves...". Com o término da Guerra, iniciou-se a decadência do bairro devido a modernização do sistema de transportes rodoviários (causando o enfraquecimento no volume das importações e exportações que eram escoadas através do cais do porto e da estação ferroviária, provocando, consequentemente uma diminuição do fluxo comercial na área); limitações físicas do bairro (a cidade cresceu em direção sul); surgimento de novo centro na Cidade Alta (ocasionou uma mudança significativa quanto ao tipo de comércio praticado na Ribeira) e incremento do uso do automovel (implicou no afastamento das famílias detentoras de um maior poder aquisitivo, pois possuidores de veículos próprios, não tinham mais necessidade de habitarem no núcleo central da cidade).

Assim, por todos esses motivos, considerando-se a importância do "Grande Hotel" no contexto histórico e sentimental de Natal, foi elaborado um "Projeto de Reciclagem" para adaptá-lo a um novo uso. Segundo o referido Projeto, o edifício será transformado em Albergue da Juventude, pertencente a rede internacional de Albergues (meio de hospedagem, surgido na Alemanha em 1909, com acomodações coletivas, separadas por sexo, voltado para pessoas que querem viajar gastando menos e que possuam espírito jovem – só existe limite de idade na Alemanha)*1; bar; barbearia (que já funciona no prédio há quase trinta anos); salão de exposições; salão de fotografias (que conterá material fotográfico pertencente ao antigo arrendatário do prédio, será uma sala em homenagem ao Sr. Theodorico Bezerra).

Acreditamos que a implantação desse Projeto contribuirá sensivelmente para a preservação da memória cultural da cidade, considerando-se a importância histórica do edifício e também abrirá precedente para que se inicie algum trabalho de revitalização do bairro da Ribeira (existe pessoas que não acreditam nessa possibilidade, mas como obra de revitalização de centro histórico em decadência, podemos citar o Projeto do Setor Histórico de Curitiba, criado e implantado pelo Arq. Jaime Lerner – sabemos que cada local possui características próprias), além do novo uso que será dado ao prédio, voltado para fins ligados diretamente à cultura. A implantação desse Projeto, a tentativa de se revitalizar o poético bairro da Ribeira é uma obra que diz respeito a todos nós, pois uma cidade, além de tudo, é constituída pelos valores sentimentais e culturais de seu povo.

*1 – O Albergueismo é um movimento que tem o objetivo de proporcionar o enriquecimento cultural, vivência comunitária através de viagens.

Márcia Monteiro de Carvalho é arquiteta a presidente da Associação Potiguar de Albergues da Juventude-APAJ/RN.

SEBOS,

um movimento em ascensão

Reportagem de Anchieta Fernandes

Os sebos, tradicional comércio de venda, compra e troca de livros e discos usados, e que em outras cidades é apenas isto mesmo – comércio, embora trabalhando com mercadoria cultural –, em Natal aos poucos vai adquirindo traços de verdadeiro movimento cultural em ascensão, trazendo expectativas de um redimensionamento não só aos que trabalham no ramo mas aos próprios caminhos do comportamento de quem impulsiona a Cultura.

São de entusiasmar as vitórias que os sebistas locais têm conseguido em suas batalhas: após a 1ª Feira do Sebo, realizada com sucesso em setembro do ano passado, na Praça André de Albuquerque, têm alcançado resultados cada vez mais animadores, a presença de sebos nos encontros do Conviver (Campus) e em outros acontecimentos culturais em Natal e em outras cidades do Estado.

Agora no final de agosto realizar-se-á a 2ª Feira do Sebo, com o apoio da Secretaria de Cultura do município e da Fundação José Augusto. E já está fundada, desde o dia 27 de junho passado, a Associação dos Sebos do Rio Grande do Norte, com a seguinte diretoria: Presidente – Jácio Torres; Vice-Presidente – Cícero Ricardo; 1ª Secretária – Socorro Queiroz; 2ª Secretária – Vera Torres; 1º Tesoureiro – José Abimael; 2º tesoureiro – Jailton Torres.

Trocar e vender livros e revistas usados tornou-se uma constante em Natal

TRADIÇÃO UNIVERSAL

O comércio de livros usados se perde na noite dos tempos. Em todos os países de tradição editorial ele existe, como oportunidade de se encontrar obras raras e esgotadas a preço barato. Em Paris, é denominado "bouquinerie", e todo turista que visitou a capital francesa conheceu o pitoresco da fileira de bancas de livros velhos às margens do Sena. No Brasil, os estabelecimentos deste tipo receberam a denominação "sebos". Nas grandes cidades brasileiras, certas ruas e bairros caracterizam-se pela proliferação deles. É o caso do bairro de Pinheiros, em São Paulo. Ou o da rua São José, no Rio de Janeiro, que durante muito tempo teve esta característica, de rua dos sebos, merecendo até uma emocionada crônica de Carlos Drummond de Andrade, "Nobre Rua São José" (no livro "Fala, Amendoeira", 1957), onde ele sintetiza uma das melhores definições sobre a atividade: "Só na aparência é triste o comércio de livros usados. Realmente ele assegura, **dans un tumulte au silence pareil**, uma vibração contínua, uma rotação infatigável aos produtos do espírito".

PRECURSOR NATALENSE

Se encararmos o sebo natalense dentro de suas características atuais, teremos que ligar o comércio de livros usados ao de revistas – principalmente de revistas em quadrinhos – e discos. Mas, historicamente, o nosso sebo teve também as origens bem livrescas, desde o precursor que pode ser registrado na memória natalense mais recente.

Ele era conhecido como Cazuza, mas seu nome verdadeiro era José Fidélis Coutinho. Vindo de Guarabira, na Paraíba, chegara a Natal em 1950, com 32 anos de idade, e por não encontrar oportunidade de exercer sua profissão de pintor, montou no antigo Mercado da Cidade Alta (onde hoje é o prédio do Banco do Brasil) um local de venda de livros que tinha. O negócio deu certo. Logo pôde montar mais outro local dentro do mercado. Quando houve o incêndio do mercado, na década 60, Cazuza perdeu na catástrofe cerca de 15 mil livros, passando a comerciar na rua (esquina da Ulisses Caldas com a Avenida Rio Branco) o que restou, colocando os livros sobre caixotes.

GERAÇÃO ATUAL

Atualmente, várias pessoas se dedicam em Natal ao comércio de livros, revistas e discos usados. Como líderes desta geração de sebistas, pode-se mencionar quatro nomes:

1) Dentre a atual geração de sebistas natalenses, o primeiro que pode ser mencionado é Jácio Torres, cujo interesse pelo ramo foi despertado ainda menino, entre fins da década 50 e começo da década 60, ele ajudando o tio Jaime Medeiros, que tinha uma banca de revistas no Alecrim. Era a época dos seriados nos cinemas São Pedro e São Luiz, quando a garotada fazia das calçadas em frente aos referidos cinemas um verdadeiro mercado de compra, venda e troca de revistas de quadrinhos com as aventuras de Tarzan, Jerônimo, Capitão Marvel e outros heróis.

Jácio também vendeu, comprou e trocou gibis em frente ao São Luiz e São Pedro, num verdadeiro vestibular de sua futura atividade em livros usados, que, para se implantar teria que esperar Jácio se aquietar após passar um período juvenil de inquietação, pé nas estradas brasileiras em busca d seguir rumos hippies que eram o mo dismo da época.

Na década 70, já de volta a Nat Jácio entrosou-se novamente com banca de revistas, assumindo a Ban São Luiz em frente ao cinema São Lu para vender inicialmente revistas, depois, aos poucos, passando a co merciar também com livros e disco Em 1985, comprou a banca na ru Ulisses Caldas (Transa Livros, onde seu pai, Raimundo torres, fica come ciando o material); em 1986, compro de Benjamin Capistrano, o Cata Livro sebo instalado na rua da Conceição onde quem toma conta é a sua espos Vera, auxiliada pela encantadora G bele, irmã de Vera e que em sua pou idade já demonstra, contudo, certo conhecimentos no que informa a fregueses.

Da organização da família Torres também o Sebão, no Campus, onde responsável é Jailton (irmão de Jácio

2) No início de 1986, entrou no r mo José Abimael da Silva. Então, f funcionario do Unibanco, onde traba lhou três anos e meio. Viera de um infância de vendedor de confetes Possuindo certa quantidade de livr (cerca de 600), resolveu arriscar n comércio de livros usados. Comprou uma cigarreira na rua Vigário Bart lomeu, pintou-a toda de vermelho

os fregueses passaram a denominar de Sebo Vermelho. Depois de um ano e meio, pintou oportunidade de comprar, por Cz$ 50.000,00 uma cigarreira na Parada Metropolitana. Atualmente, o Sebo Vermelho se divide em três locais diferentes: o ponto na Princesa Isabel (em cima do Gimmy Lanche), a banca da Parada Metropolitana (onde quem fica tomando de conta é o poeta João Barra), e a banca da Praça Padre João Maria.

3) Cícero Ricardo teve seu primeiro contato com sebo em 1980, ao começar e frequentar a banca de Jácio no Alecrim, despertando-lhe interesse ao ver que era um local onde podia encontrar livros e discos a preços baratos. Nos últimos anos, começou a frequentar também o Sebo Vermelho. Um dia, conversando com Abimael, demonstrou também interesse em ter um local como aquele para vender discos, revistas e livros. Abimael facilitou condições de venda, e foi então que Ricardo comprou a primeira banca do Sebo Vermelho na Vigário Bartolomeu, transformando-se no Sebo da Esquina, onde também uma criança, o sobrinho de Ricardo, já ensaia seus primeiros úteis afazeres na batalha cultural.

4) Harrison Gurgel é o dono do sebo-cigarreira Spaço-7, na esquina da Coronel Cascudo com a Voluntários da Pátria. Começou no final de 1986, com material próprio e doações de umas três pessoas. Sendo também poeta e músico, tendo participado de antologias e festivais, aliou esta vivência cultural ao comércio dos mais dignos, que é o da Cultura. Para denominar seu sebo ele fez uma pesquisa, denominando-o Spaço-7 a partir da construção da importância semiótica do nº 7 na Natureza e na História das atividades humanas, pois 7 são as cores do arco-íris, 7 são as notas musicais, 7 são os dias da semana, 7 foram as maravilhas do mundo antigo – e assim por diante, a todo momento deparamos com o referido número como necessidade de referênciação histórica.

REINO DOS QUADRINHOS

Os quatro mencionados são, como dissemos, os líderes. Outras pessoas, contudo, atuam no ramo. Como por exemplo: um irmão de Harrison, Ronaldo Gurgel Diniz, que começou a cerca de oito meses com o Sebo Rio Branco, na Avenida Rio Branco, em frente à boutique Bijoucenter. O comércio de Ronaldo é curioso, ao mesmo tempo sebo, e cigarreira normal de venda de revistas novas chegadas do distribuidor. É então o ponto deixa de ser Sebo Rio Branco e passa a ser Cigarreira Diniz. Ronaldo mantém também um carro de lanches na cigarreira, dando assim ao mesmo tempo alimento ao corpo e ao espírito do freguês.

Outro é André Barbalho, que começou em 1972, deixando o ramo de miudezas para entrar no de venda de revistas usadas, e hoje ocupa o ponto que foi de Cazuza, atrás do Banco do Brasil, na Cidade Alta, vendendo, além de revistas, livros, tendo inclusive certa vez vendido uma edição príncep (de 1927) do "Livro de Poemas", de Jorge Fernandes.

Foto: Richardson Sant'Anna

O hábito da leitura incentivado pelos sebos

Valorizando o setor no incentivo à leitura para crianças e jovens, o Alecrim é o verdadeiro reino dos sebos de revistas em quadrinhos. Na Avenida Presidente Bandeira já se tem uma tradição. Por ali comerciou Tarcísio Leite, com uma banca onde saudosistas poderiam encontrar raridades em matéria de gibis.

Sílvio Gago é outro dono de banca de revistas em quadrinhos no Alecrim que ainda está na memória de muitos compradores; depois, ele desistiu da coisa e foi ser vendedor de meias.

Os resistentes e persistentes neste tipo de comércio, hoje, na Presidente Bandeira, são uns 5 nomes, podendo-se destacar:

1) José Ferreira de Andrade, com uma banca em frente a uma loja (paga ao proprietário Cz$ 4.000,00 mensais pelo direito de ocupar o espaço), e que começou em 1970 na esquina da Sonora vendendo 4 revistas em cima de um caixãozinho. José praticamente pegou a deixa do seu irmão Agnaldo, que desistiu do comércio de revistas usadas após trabalhar uns dois anos no setor.

2) Pedro Teixeira dos Santos, que começou em 1973, e hoje ainda sobrevive com a Banca do Pedro, vendendo, comprando e trocando revistas, discos e livros usados, num comércio razoável que já deu até para ele mandar confeccionar um carimbo com os dizeres denominadores do seu ponto.

3) Francisco de Assis da Costa, há uns oito anos vem mantendo a Banca do Assis, também comprando, vendendo e trocando revistas e livros (principalmente os das coleções populares com temas românticos – tipo Bianca, Júlia, Sabrina etc.), possuindo em circulação permanente grande número e revistas em quadrinhos, donde as de maior saída são Tex, Heróis da Tv, Disney Especial etc.

OPINIÕES

O mais ativo participante de um movimento de sebos em ascensão é Cícero Ricardo. Quando da 1ª Feira do Sebo, em setembro do ano passado, era ele que a todo momento ocupava o microfone no palanque para fazer divulgação, entrevistar pessoas, convocar artistas, explicar o sentido do comércio de livros usados.

Ricardo é o entusiasta deste movimento, que, de gravador em mãos já gravou depoimentos de pessoas sobre o que acham dos sebos, de como poderiam ser melhorados, de sua importância na vida comunitária. Tanto ele quanto os outros sebistas acham importante que seja criado um espaço para os sebos, dividido em vários boxes, do tipo dos que foram criados na velha Estação Rodoviária da Ribeira para os camelôs. Explica Ricardo: "Com o espaço cultural, ficaria mais fácil as pessoas localizarem os sebos e não procurá-los em lugares diferenciados. este espaço seria um local onde intelectuais, escritores e artistas, se reuniriam para discutirem idéias, debaterem temas, superstições, paranóias cotidianas". Complementa Abimael: "O espaço cultural com os boxes seria o ideal. Primeiro, porque sebo em cigarreira não dá muito certo. Sol e chuva estragam o material. O espaço para os sebos daria conforto ao freguês, seria um lugar onde ele se sentiria bem, tomaria cafezinho etc."

Para Harrison, o ideal seria se criar uma Praça dos Sebos, unindo vários boxes. Que a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Natal, Fundação José Augusto, representações de órgãos culturais federais se unam para ajudar a levar adiante este verdadeiro movimento cultural em ascensão. pois, como disse Harrison, embora os sebos tenham que, para sobreviverem, trabalhar com material como música brega, o importante é que são um passo para a população entrar no circuito de cultura, adquirindo conhecimentos, se informando, formando uma consciência.

HUMANISMO

Citamos novamente Drummond, sobre a Rua São José, no Rio de Janeiro: "Mas essa rua é também uma praia, aonde vão dar os volumes de bibliotecas que naufragaram. Vêm de mistura os mestres do pensamento e aquelas tímidas obrinhas de principiantes, que o destinatário nem chegou a abrir. O livreiro recolhe esses destroços e os reanima, pondo-os de novo em circulação".

Sebo é enriquecimento cultural: é um local onde se encontra material de vanguarda e material tradicionalista. Sebo é também antropologia: o livro ou revista usados é a história de um leitor, com anotações e frases sublinhadas, e história muitas vezes documentada em fotos e documentos familiares esquecidos em páginas passadas e repassadas, e que sebistas sensíveis e atentos como Jácio Torres Já estão colecionando e catalogando em pastas apropriadas.

Já é tempo de que o humanismo dos sebos seja reconhecido em seu papel social e cultural. Que as pessoas aprendam a ter na palavra "sebo", quando se trata deste tipo especial de comércio, não mais uma palavra agressiva e feia, e sim algo que recorde bons momentos de convivência com estes amigos fiéis e sábios: os livros, os discos, as revistas.

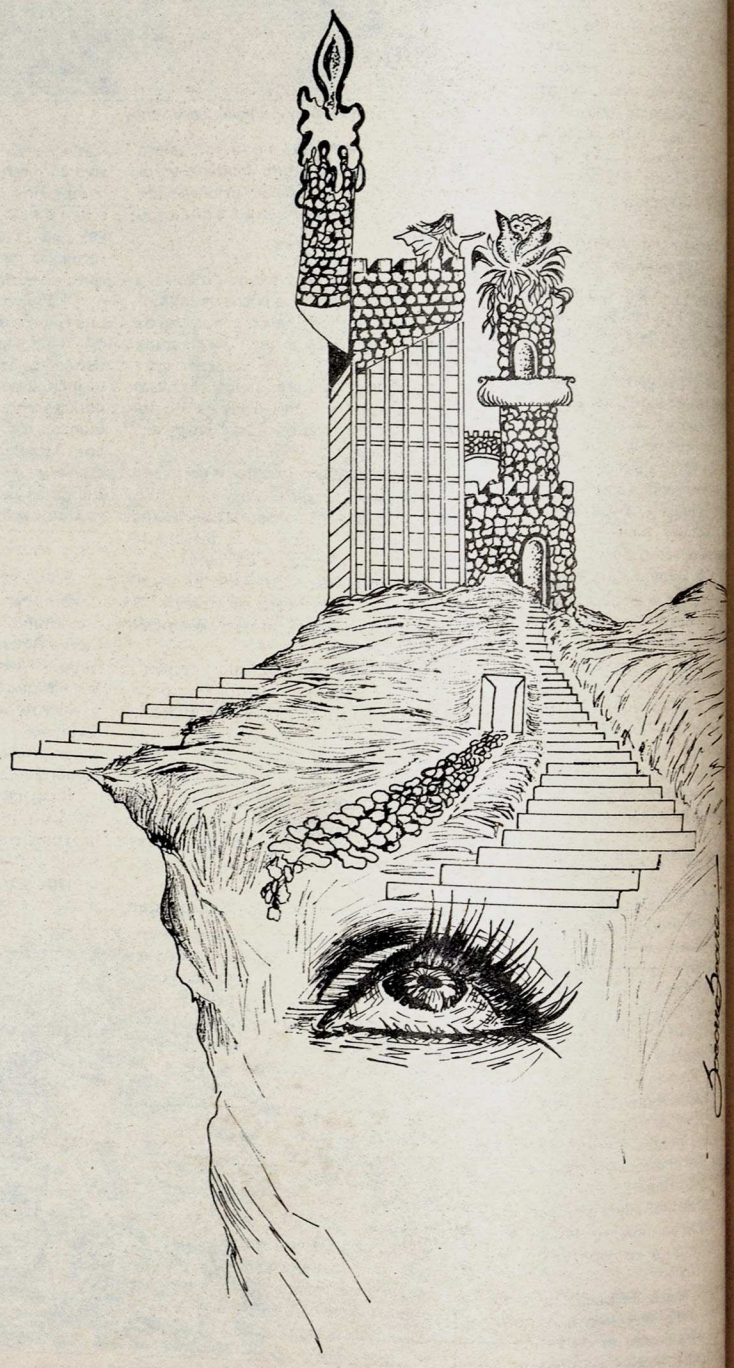
Foto: Richardson Sant'Anna

Um dos sebos que se multiplicam na cidade.

NOITE / TRESNOITE

atirada do céu a noite
afoga o mar
entre penhascos
unânime escuridão
amarfanhada sob lençóis
úmida sexo de mulher
cálida
presa nos limos da cisterna
alojado no bojo de peixe
no fundo oleoso do rio
noite abissal

sorrateira feltro dos gatos
no cio
deslizando nos quintais
brasa dos olhos queimando na moldura da janela
piscando anúncios de gás neon
gorda
lixo de monturo
noite
gira ao redor de si mesma
carrossel abandonado
gume afiado da faca sobre a mesa
lixa verniz de móveis antigos
exala margaridas
desfalecida em meus braços
bóia na clarabóia
noite perscrutadora
polvilha
veludos na penumbra do jardim
tinge de cobre a barba grisalha
esparrama estrias
na carnosidade branca das mãos
tira os sapatos à beira da cama
remove cílios postiços
olheiras na sombra
apaga a lâmpada da cabeceira
noite torpe
estentória
nas grandes cidades
epiléptica
andará sobre vidro moído
nos arrebaldes
no subúrbio do silêncio
estampido do revólver
ubiquidade da chuva
na ante-sala
recebe visitas de antolhos
ah seus olhos doentes
abóbada
celeste
noite véu palatino aprisionando o mundo
horizonte malhas
nas gralhas
grasnando nos vitrais
pardais
em vôo rasante nos varais
maçã mofada embrulhada nos jornais
respingando açúcares na chama de acetileno
noite curva do seio



Luís Carlos Guimarães

ferrugem pêlos da axila
baixo ventre
novelos de cabelos
pentelhos
entre
a porta está sempre aberta
de tua cacimba que água esguichará de tua vulva?
rói no escuro a madeira do sonho
noite o dentro do ovo oco
entranhas da cerração
ponto inexistente
urdidura do tapete
boca
da noite no cais
dentes cariados
navios ossadas barcos âncoras
locas
aranhas nos cavernames
decapitada
no meio da praça
desprezado
olhar cego da estátua
noite carpideira
à porta dos cemitérios
azinhavrada nos ferrolhos sem uso
invisível mosca carniça
temperado azeite
quantas noites a noite emprenha cada noite?
ostras em cada concha
bivalve
cheirando a jasmim
travo de canela
unhas pintadas meias de seda se masturba
escafandrista amansando polvo
noite caverna fundo do mar
açula seus mastins contra a brisa
anestesiada no leito
estremece de febre
noite baça nas vidraças
pendurada no cabide
rouca
sussurra aos meus ouvidos o nome da rosa
branda
desce as mãos pelas minhas coxas
bolina a solidão
tem fedor adocicado das feras
nas jaulas do circo
sopra noite
vento de cinzas pela garganta
pede água pupilas vazadas
gengivas
sangrando leite negro
infiltrada
desde a raiz dos cabelos
de costas para a lua
camufla seu perfil
contra o gradil
envolve os pés em lã
e caminha com tamancos de cortiça
tresnoitada,

Luís Carlos Guimarães é poeta e advogado.

Uma lente capta o que

**"O que é uma ilha? O real é uma ilha.
Quando o olhar de Cézanne o envolve,
como anéis de saturno".**

Dia 19 de agosto, Dia Mundial da Fotografia. Aqui, neste sexto número de O GALO, uma pequena mostra daqueles que nesta cidade através da Arena do Olhar conseguem reter o tempo e transformar efêmeros momentos em pura eternidade, sustentando o universo e seus meandros, cicunferências e arestas. Mensageiros cavalgando os filamentos do tempo. Sem intervalo, sem medida.

Portanto, louvemos sempre os vaivéns suaves dos papéis fotográficos mergulhados nas águas sagradas da revelação. Eles não roubam a imagem. Perpetuam-na.

Foto de Richardson

Foto de Anderson Lino

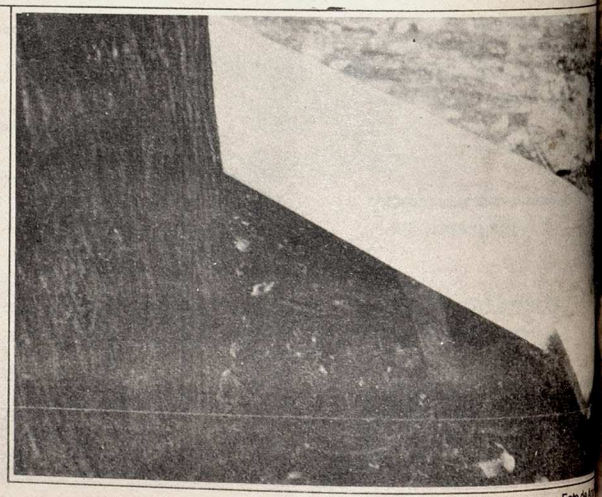


Foto de

um olho seduz

Foto de Jorge Mário

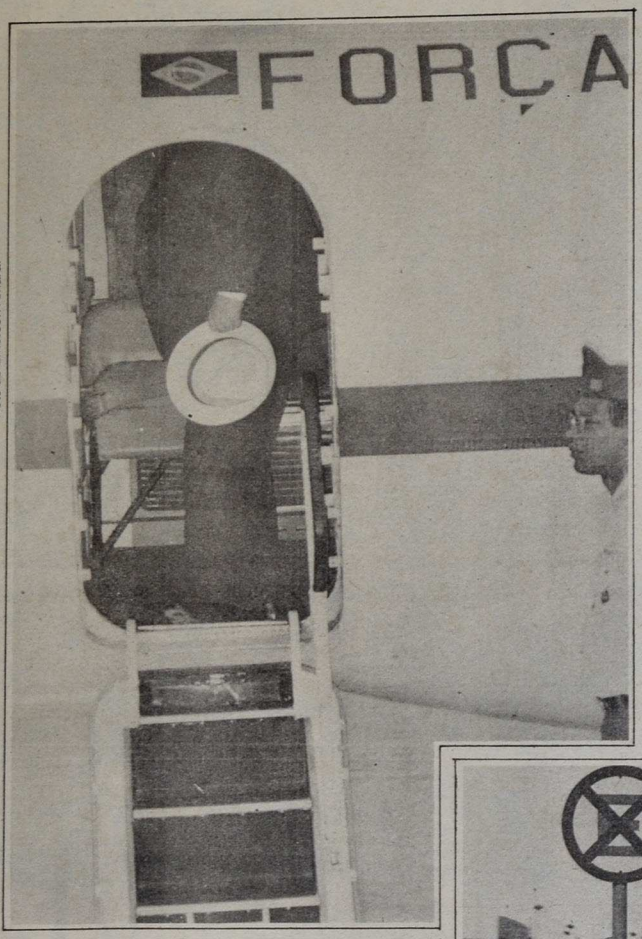


Foto de Emerson Amaral

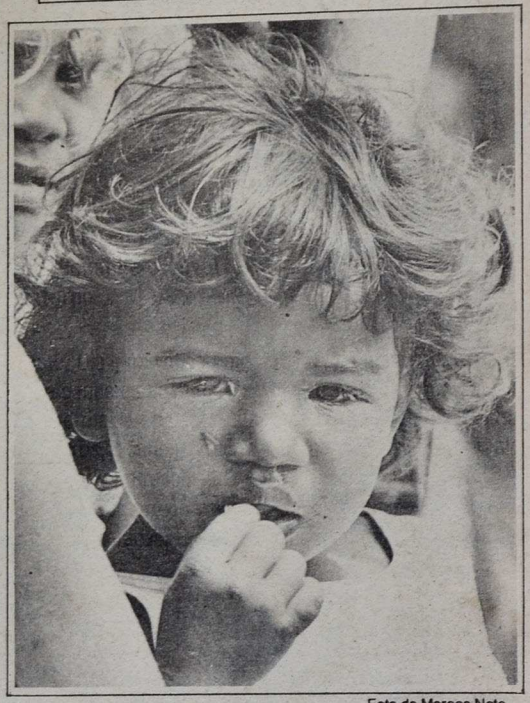
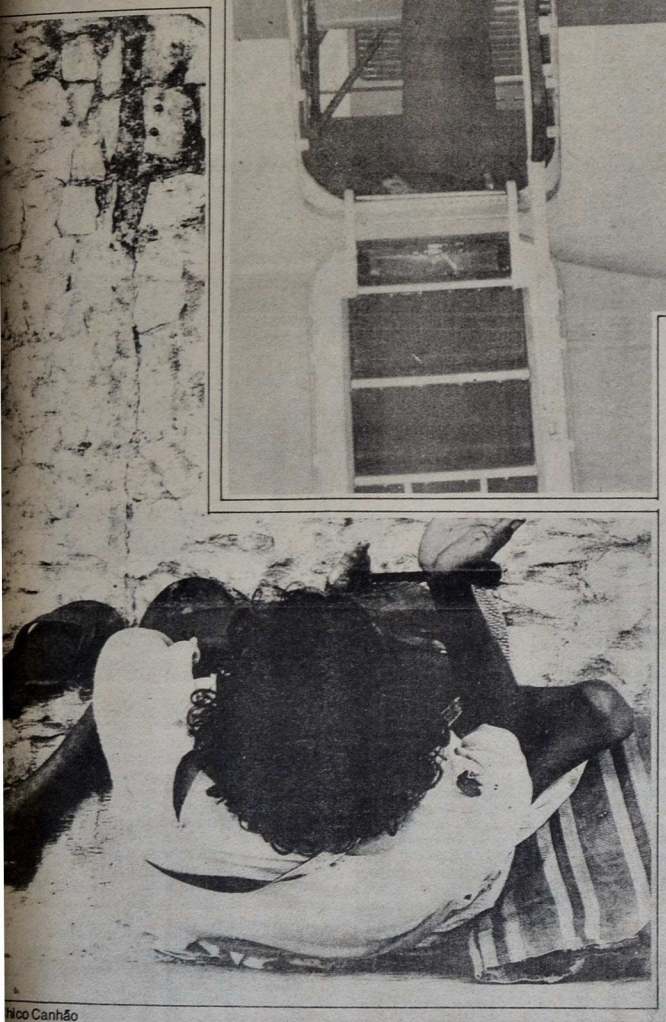


Foto de Moraes Neto



hico Canhão

Foto de Marcus Ottoni

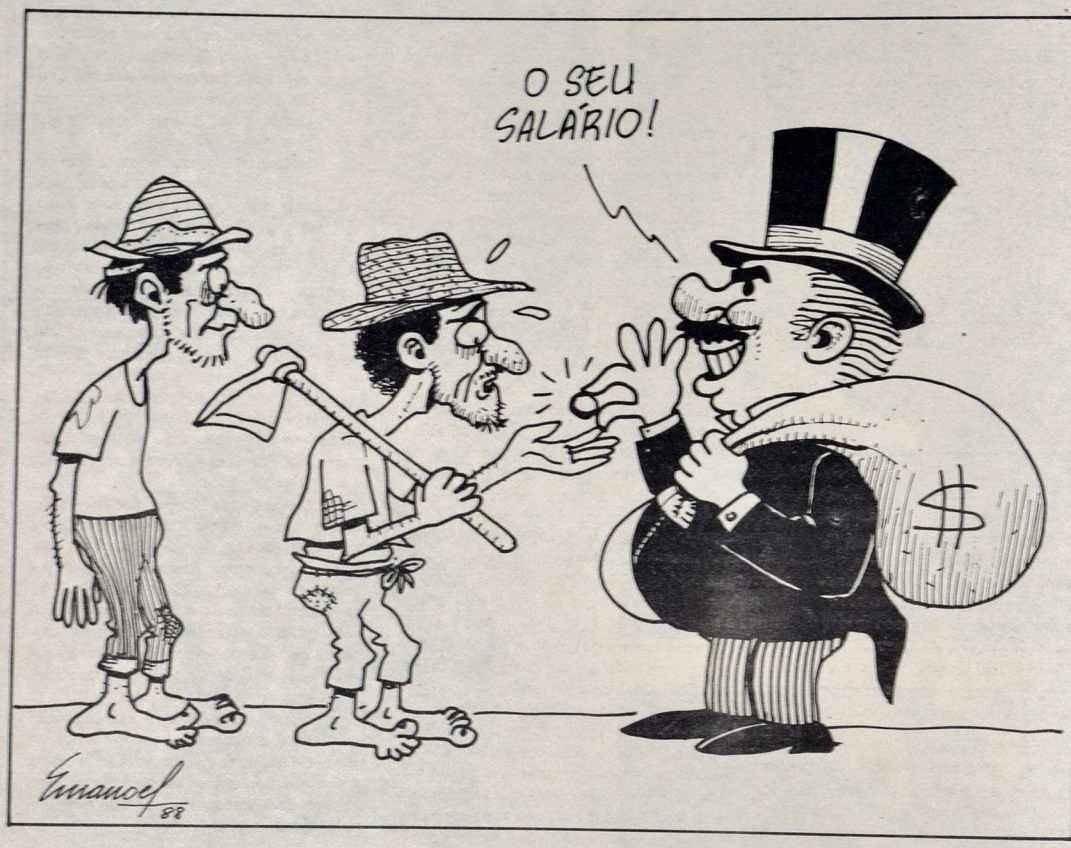
Foto de Carlos Lyra

Foto de Flávio Américo

Foto de Ana da Silv

KLEPTOCRACIA E PARASITISMO NO BRASIL

Nestor dos Santos Lima



Daqui do Rio Grande do Norte, e com os olhos bem abertos e já treinados por tantas oportunidades de conhecer povos e culturas, aos poucos a gente se dá conta de como é importante, no Brasil, se conhecer a história regional. Por exemplo, este Rio Grande do Norte é uma cultura fortemente impregnada do quadro social prevalecente antes dos portugueses chegarem e do choque cultural tormentoso dos dois primeiros séculos em que foram lançadas as bases do atual panorama humano desta região. Basicamente somos descendentes de portugueses, de tapuias e de tupis. Os negros, muito poucos, e ainda hoje concentrados em grupos endogâmicos, tratados como reminiscências folklóricas.

O choque inicial foi básico para entender os dias de hoje. O povo índio viu chegar os brancos e se instalarem para explorar a terra e os homens, dando mostras de profundo desprezo pelo trabalho físico que ficou aos índios e depois, a alguns negros. Os índios tiraram suas conclusões que ainda hoje em refrão ecoam pelas montanhas do Rio de Janeiro: "trabalhar eu não, eu não". E uma ética anti laborista se instalara para sempre por estas plagas, transmitida pelo colonizador, pelo seu exemplo.

Por isso me chamou muito a atenção uma frase de um livrinho chamado "Parasitism and Subversion – The case of Latin América" de um certo Stanislav Andreski, que vai mais ou menos assim, em português: "Há uma tendência nítida das classes populares de imitar os estratos superiores do agregado humano de que fazem parte". Parecia uma trivialidade. Mas para mim, que estava perplexo diante de certos aspectos da cultura popular do meu estado, foi uma revelação. Evidentemente, se o exemplo vem de cima, mostrando as vantagens e o êxito da política de não trabalhar, é impossível de ensinar uma ética de trabalho aos estamentos sociais inferiores que passarão a rezar pela cartilha do parasitismo, da preguiça, do horror ao trabalho, da sabotagem, do esforço mínimo e do fazer mal o que se lhe pede. E esse foi um dos resultados do contato do índio com o português na costa do Nordeste.

Eu já havia desconfiado de que [illegible] era apenas o decantado capitalis[illegible] multinacional que estava detrás [illegible] atraso da América Latina, o Brasil [illegible]clusive, em atingir os patamares [illegible] protagonismo econômico verifica[illegible] duzentos anos depois, no norte [illegible] continente, protestante e anglo sa[illegible] apesar da vantagem que tínham[illegible] nós, espanhóis e portugueses e cat[illegible]cos de termos chegado muito mais [illegible]do às Américas. As raízes desse atra[illegible] são profundíssimas e se alongam pe[illegible] demorado período colonial e se e[illegible]terram na mentalidade profunda [illegible] sociedades espanhola e portugue[illegible] que nos serviram de matrizes.

A leitura atenta do livro de Andre[illegible] veio revelar-me aspectos mais pro[illegible]fundos do enraizamento em nos[illegible] gentes de uma ética anti-trabalhi[illegible] que conduz à aceitação, vastamen[illegible] disseminada em nosso país, do para[illegible]sitismo como forma de inserir-se [illegible] corpo social e gozar das injustas va[illegible]tagens recentemente evidenciadas [illegible] desvãos da administração pública bra[illegible]sileira da década de 80. A atração [illegible] uma vida parasítica, só pode [illegible]

> "E uma ética anti-laborista se instalara para sempre por estas plagas, transmitida pelo colonizador, pelo seu exemplo."

enorme nos nossos climas tropica[illegible] onde, muito mais do que nos paí[illegible] frios, o trabalhar demanda um esfor[illegible] difícil de suportar, sobretudo se ho[illegible]ver alguém a quem transferir a pre[illegible]benda, os índios e os pretos. E esse [illegible] o caminho das elites brancas nos no[illegible]sos países tropicais, ante os olhos [illegible] nativos que interpretaram a condu[illegible] dos brancos justamente como o cam[illegible]nho certo para o êxito na vida. E um[illegible] vez o parasitismo instalado até ho[illegible] proporcionando vantagens que na[illegible] tem a ver com o montante de traba[illegible] prestado, é natural que lance sobre o trabalho físico o estigma da servid[illegible] que desencoraja a dignidade do esfor[illegible]ço criador. E se vai fechando o círcu[illegible] da pobreza de um lado e do parasi[illegible]mo do outro, retroalimentando-[illegible] ambos e roendo pelas bases o inter[illegible]se por um maior grau de protagon[illegible]mo social conducente a níveis ma[illegible] elevados de desenvolvimento econ[illegible]mico. A manutenção do atraso pass[illegible] corresponder a essa desmoraliza[illegible] do trabalho como forma de acesso [illegible]cial e à falta de relação entre a qua[illegible]dade de esforço expendido e a re[illegible]buição econômica a eles corresp[illegible]dente. Em outras palavras, monte[illegible] uma estrutura social na qual muito [illegible]nheiro vai para quem não faz nada [illegible] quase, e o salário mínimo de fo[illegible] para quem realmente produz. A re[illegible]ção entre o "maharajáh" do serv[illegible] público e o trabalhador braçal de m[illegible]nos de 30 dólares por mês, se re[illegible] com aspecto de escândalo público [illegible]sileiro dos fins do século XX, tudo [illegible]

a proteção do Estado que existe para isso mesmo, isto é, "para proteger o rico contra o pobre", no dizer clássico do economista liberal Adam Smith, que já sabia disso em meados do século XVIII (1723-1790).

Deixando de lado Andreski, podemos entrar um pouco na recém revelada e vergonhosa defasagem entre o mais alto salário e o mais baixo, relação que borra completamente a nossa imagem de uma sociedade justa, democrática e igualitária, para registrar-

> "Em outras palavras, monta-se uma estrutura social na qual muito dinheiro vai para quem não faz nada ou quase, e o salário mínimo de fome para quem realmente produz."

mos desde já que as aberrações vão por conta dos estamentos que podem legislar em causa própria, como os membros do Legislativo, da fornada pós-ditadura militar. Depois vem a classe da elite jurídica, infiltrada no poder e sempre atenta a abocanhar vantagens adicionais, manipulando até a feitura de leis em seu proveito. Em seguida, há os grupos situados em posição de fiscalizar o exercício do Poder por exemplo, os inúmeros tribunais de contas, cujo pessoal tem hipoteca sobre os governantes que, temerosos, os corrompem com salários exageradamente elevados para se assegurarem de sua cumplicidade na aprovação de contas de duvidosa legitimidade. E aí entram também os guardas do poder, as forças militares e policiais cujos ímpetos é preciso apaziguar em democracias vacilantes como as nossas.

O quadro traçado anteriormente à base de Andreski e fatos de ontem, mostram a continuidade da presença nas camadas populares brasileiras da noção do desprezo pelo trabalho que elas retiraram da conduta das elites coloniais durante três séculos. Ao verificarem impossibilidade de adotar os padrões das classes de alta renda as classes populares partiram para uma política de negar-lhes apoio, através de uma conduta negligente no trabalho, pela execução defeituosa das tarefas que lhes são confiadas, pelo trabalho mal acabado, que são ainda formas de protesto para exprimir seu desdém pelo desmoralizado trabalho físico exigido deles pelos estamentos que mais ostentam o desprezo por essas atividades primárias. Como ao mau trabalho corresponde má remuneração, no Brasil passaram a prevalecer os mais baixos índices de salário mínimo. Para a alegria dos investidores estrangeiros que já não podem pedir tanto, aos povos de seus países. Aí entra Andreski com sua acertada visão dos problemas brasileiros e latino-americanos: "Isso só é possível porque o Brasil, como toda a América hispânica, formam a região que tem sido ininterruptamente dominada por mais de quatro séculos, exclusivamente pelas classes ociosas que para aqui se dirigiram". Lembrando-me dos 15.000 fidalgos e fidalgotes que vieram acompanhados de D. João VI em 1808, entendo bem o que Andreski quer dizer com classes ociosas e as vejo bem enquadradas no conceito magistralmente desenvolvido por Thorstein Ve-

> "Como ao mau trabalho responde a má remuneração, no Brasil passaram a prevalecer os mais baixos índices de salário mínimo."

blen, aquele economista da "Teoria da Classe Ociosa", um clássico para compreender a ideologia das elites do poder no Brasil, embora ele se referisse aos seus patrícios, isso já em 1899.

Outra conseqüência da filosofia elitista do desprezo ao trabalho e sua adoção pelos estamentos sociais inferiores é que ela leva também ao desprezo pela norma escrita e a tendência ao desrespeito à lei, distorção social que está no cerne da atual situação brasileira de transição para uma sociedade democrática. E nos estados como o nosso, o Rio Grande do Norte, dominados por oligarquias que se sucedem no poder, então o desrespeito à lei é a normalidade, pior do que na versão mineira "para os amigos tudo, para os inimigos a lei" tão do favor dos políticos do tempo de Benedito Valladares. E nessas condições não há sistema social ou jurídico que se aguente. É o momento em que a função pública e o poder vão aos poucos sendo dominados por uma nova classe, a dos ladrões do dinheiro público, o que nos conduz ao novo regime crismado por Andreski, a KLEPTOCRACIA, ou seja, o regime político criado e dominado por ladrões. Para substanciar essa passagem da democracia periclitante para a Kleptocracia, o autor, lá pelas páginas tantas afirma: "Não há estatísticas para indicar a extensão da ladroagem mas, não há dúvida de que em todos os países da América Latina a riqueza adquirida pelo uso ilegal da função pública é enorme".

Mas não fica somente aí, a percuciente visão de Andrevski quanto aos males que corroem nossa capacidade de desenvolvermos nossas combalidas economias. O militarismo dos latino-americanos mereceu-lhe apreciações de inegável interesse como essa: "Em relação ao tamanho e ao equipamento, essas forças armadas são extremamente dispendiosas, devido ao desproporcionado número de oficiais de alto nível, reformados ou em atividade, que recebem altos emolumentos. A Argentina, por exemplo, tem tantos generais quanto os Estados Unidos".

Mas ele não se limitou aos males do militarismo. A burocracia mereceu-lhe comentários da maior pertinência, que nos caem como uma luva: "A expansão do pessoal administrativo é a menos custosa forma de criar empregos e tem a vantagem adicional de dar a alguns a impressão de promoção social. "Isso, naturalmente, do lado dos governantes que se querem fazer populares. E do lado dos que querem abrigar-se sob o orçamento do Estado trazendo um lastro ideológico de esquerda e outro tanto de ressentimento por sua incapacidade de se fazer um caminho valendo-se dos caminhos da liberdade de empresa, Andreski os fotografa: "A demanda de emprego por pessoas com alguma educação não técnica e uma grande aversão ao trabalho manual aumenta o apelo das idéias socialistas porque sua aplicação acarreta a criação de um largo número de postos administrativos em adição aos postos de direção existentes que seriam esvaziados compulsoriamente pelos seus atuais ocupantes..."

E finalmente, para caracterizar a profundidade do estrago causado pela burocracia em países pobres e com leis manipuladas pelos próprios interessados ele verbera: "as extraordinariamente generosas aposentadorias vigentes na maioria dos países da América Latina". Ora, nós sabemos que a aposentadoria por tempo de serviço já nos levou a encurtar a vida pública de vigorosos cidadãos. E a multiplicidade de aposentadorias institucionalizou a indústria de acumulá-las, em detrimento do interesse público. Por isso que Andreski finaliza sua análise:

"Esses países... Esses países estão cheios de homens e mulheres aposentados, jovens e sadios, muitos dos quais encontram outros empregos para si, mas todos são PARASITAS, que além de constituírem uma carga para os trabalhadores, os desmoralizam e os fazem descontentes pela exibição de sua confortável ociosidade, tão ofensiva no meio da pobreza".

É bom que analistas estrangeiros venham a examinar objetivamente os nossos pecados. Assim aprenderemos a não atribuir aos outros as culpas dos nossos demônios internos que cumpre exorcizar.

Nestor dos Santos Lima é membro da Academia Norte-Rio-grandense de Letras

FANDANGO, cultura tradicional do povo.

CONTEMPORANEIDADE DO FOLCLORE

Deífilo Gurgel

Longe vai o tempo em que William John Thoms endereçou sua famosa carta ao jornal londrino "o Ateneu", sugerindo a criação da palavra **Folklore,** o "Saber Tradicional do Povo", como ele mesmo traduziu.

O tempo passou. A dinâmica cultural, fruto da dinâmica social, ampliou o conceito do Folclore. Não só o conceito, o objeto de seus estudos, também.

Modernamente, define-se Folclore como "a ciência sócio-cultural que estuda a cultura espontânea da gente dos campos e das cidades". Esta é a definição do saudoso Professor Rossini Tavares de Lima, Presidente da Associação Brasileira de Folclore.

Sobre o assunto, melhor do que falar numa mudança, seria pensarmos numa evolução do folclore, pois, se o tradicional continua objeto dos estudos folclóricos, por outro lado, todas as novas formas de expressão da cultura popular, são igualmente, objeto desses estudos.

Dois exemplos: dentro da linha de pesquisa do sergipano Jackson da Costa Lima que promoveu o levantamento, o mapeamento seria melhor, de todo o universo do romanceiro ibérico e brasileiro em seu Estado, estamos igualmente empenhados nesse levantamento no Rio Grande do Norte. São romances velhos, de Portugal e Espanha que lançam suas raízes na Idade Média, sobrevivendo milagrosamente, tantos séculos depois, em música e letra, em terras do Novo Continente. A par desse trabalho de recolta e estudo de uma das expressões mais tradicionais do populário universal, o Folclore preocupa-se igualmente em recolher e analisar todas as formas modernas da cultura espontânea. Assim, as legendas de caminhão, as fórmulas de fiado, os folhetos de cordel, os grafitos de parede, tanto quanto o romanceiro ibérico, são expressões de constante preocupação dos estudos folclóricos.

Se tomarmos para uma análise, as características do fato folclórico, na sua concepção clássica, melhor compreenderemos essas transformações do Folclore.

O fato cultural deveria ser considerado folclórico, quando apresentasse as seguintes características: ser popular, tradicional, anônimo e oral.

O conceito moderno de folclore, introduzindo a **espontaneidade** como sua principal **característica,** não eliminou, mas ampliou o raio de ação de todas as demais características.

Assim, o **popular** deixou de
condição precípua para que um
cultural fosse considerado folcló
É o caso, por exemplo, das supe
ções. Sobre o assunto, já se m
festava o escritor Edison Car
nos Congressos Brasileiros de
clore, muito tempo atrás, ressal
a abrangência do seu campo de

Quando esteve em Natal, há
guns anos o Sr. Paulo Salim Ma
então candidato à Presidência
República, mostrou entusiasm
aos repórteres um medalhão
trouxera da Índia, como amule
que seria o seu passaporte p
Palácio do Planalto. O sr. M
nunca chegou ao Planalto, m
medalhão comprovou as suas co
ções de objeto de superstição,
pessoa vinculada às elites p
sociais do País. O atual Presi
da República, Senador José Sar
tem uma cisma eterna de

A imprensa brasileira noticiou, quando de sua posse. No entanto, o nosso Presidente é Bacharel em Direito, poeta, contista, membro da Academia Brasileira de Letras, Senador, enfim, pertence à elite político-cultural do Brasil. Isto significa que a superstição não é privilégio das classes sociais mais humildes e que, por isto mesmo, modernamente, não se exige de um fato cultural que, para ser considerado folclórico, deva ser necessariamente popular. O folclore dissolve-se por todas as camadas da sociedade.

A segunda característica do folclore, a **tradicionalidade**, também já não é levada em conta, com tanto rigor.

As legendas de caminhão, as adivinhas, em suas formas mais atuais, **modernizaram** o Folclore.

Quem poderia imaginar que há trinta anos atrás circulasse uma adivinha como esta:

– Sabe o que o computador disse à aluna de informática?

– Gatinha, vamos fazer um programa?

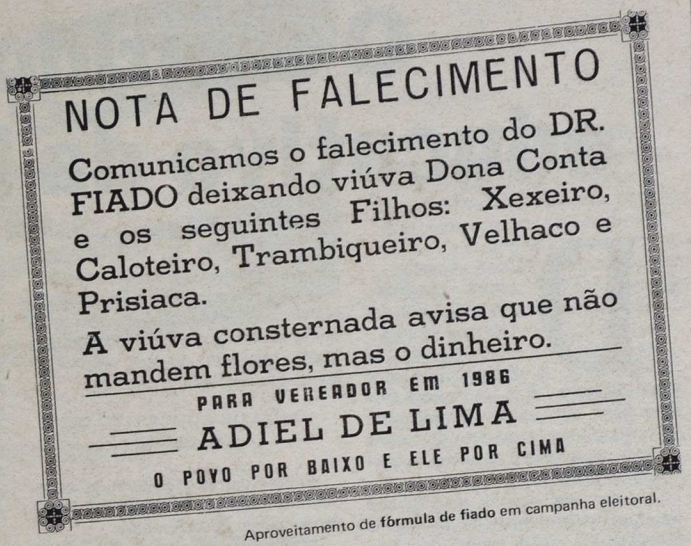
Formulações culturais absolutamente originais e que prescindem da tradição para existirem. E, ao mesmo tempo, prescindem de todas as formas da cultura oficial para, surgirem pois, a parafernália moderna da informação coloca facilmente ao alcance de analfabetos e semi-alfabetizados todas as formas da moderna comunicação de massas.

O **anonimato** é outra característica que, diante da evolução dos estudos da cultura popular, já não balisa mais o território que circunscrevia, outrora, a ciência folclórica. O estudo da literatura de cordel, o cordelismo ou cordeologia, como se queira chamar, hoje uma verdadeira ciência independente, com as dezenas de professores e universitários que dedicam o seu tempo a esses estudos, acabou com a rigidez da referida característica, diante de centenas de autores que, anualmente, lançam as suas criações em versos no mercado consumidor do Nordeste brasileiro e de todo o território nacional.

Finalmente, **a oralidade**, última das características aqui invocadas, do fato folclórico, é, de todas, talvez, a mais violentada. O cordel, as frases de para-choques, a latrinália, as fórmulas de fiado, os grafitos de parede, de todas as origens, de cuja pesquisa e estudo é mestre maior o paulista Américo Pellegrini Filho, numa peregrinação beneditina por todo o Brasil, são uma prova eloquente de que a oralidade já não se impõe como uma condição indispensável, para a indicação de fatos folclóricos.

Este trabalho de aproximação entre o popular e o erudito é fruto das descobertas científico-tecnológicas, levando, através dos meios de comunicação de massas, através da imagem e do som, aos mais longínquos rincões do universo e às camadas populares mais desfavorecidas, em cujo meio há sempre elementos privilegiados em inteligência e sensibilidade, as maiores conquistas da humanidade, no campo das artes e das letras, ao mesmo tempo em que aproxima das camadas eruditas os produtos da cultura popular.

Mamulengueiro, exemplo de cultura popular tradicional



Aproveitamento de **fórmula de fiado** em campanha eleitoral.

É um fenômeno que ocorre à revelia dos estudiosos e pesquisadores, que, no entanto, têm sabido capitalizá-lo, em favor do desenvolvimento da ciência folclórica.

Não poderia ser de outra forma. As constantes e cada dia mais velozes transformações por que passa a sociedade, mais e mais exigente no consumo de novos produtos artístico-culturais, levaria inexoravelmente à destruição de toda a tradição popular, se esta não procurasse se travestir em mil disfarces, para sobreviver.

Tomemos, por exemplo, o caso dos romances ibéricos, aludido atrás.

Exemplo maior talvez, de nossa tradição oral, existem os romances apenas na memória de algumas raras mulheres do povo que já não têm para quem cantá-los. Raros são os casos de pessoas, como D. Juvina Monteiro, de Rio do Fogo, que ainda mantém íntegras, na lembrança, as versões de dez ou mais romances e xácaras de Portugal e Espanha, algumas, numa forma tão perfeita, como se estivessem sendo cantadas a dois ou três séculos atrás. O comum, é se ouvir dizer, na hora da pesquisa: Ah, Dr., se o senhor tivesse vindo aqui há uns cinco anos, ia encontrar a minha avó viva e aí sim, era que o senhor ia ouvir romances bonitos! E, desta forma, vão os romances se acabando, porque o romanceiro não se travestiu.

Para sobreviver, a religião dos negros africanos disfarçou-se na Umbanda, sincretismo dos mais variados cultos, passando pelo catolicismo e pelo espiritismo de Alan Kardec.

Isto é o que vem tentando o folclore, como cultura espontânea da gente dos campos e das cidades. Metendo-se pelo auditório de Sílvio Santos, nas adivinhas-piadas que Ari Toledo repassa semanalmente aos domingos, para os tele-espectadores da SBT; fulgindo nos para-choques de caminhões em provérbios e sentenças, cuja fina ironia e irreverência desafiam às vezes o espírito criador dos grandes escritores e renovam os provérbios, aqueles condensados de sabedoria, no dizer de Maria de Lourdes Borges Ribeiro; nas fórmulas de fiado que exorcisam para sempre as más intenções de caloteiros contumazes.

Diante de tudo isto, podemos hoje dividir o Folclore em duas grandes formas de cultura:

A cultura popular tradicional, arcaica, cujo destino é desaparecer inexoravelmente, particularmente no Nordeste, pelo pouco valor que lhe dão, até mesmo os estudiosos e a cultura popular espontânea, atuante, dinâmica, fruto da luta do folclore, pela sua sobrevivência, na sociedade moderna.

Deífilo Gurgel é folclorista e professor da UFRN.

O sentido social e educativo da lúdica infantil

Veríssimo de Melo

Dizia Novalis, – poeta romântico alemão, autor dos "Hinos à Nòite", – que, "onde há crianças, há uma idade de ouro." E é justamente esse ouro bom, que nós vamos encontrar no folclore infantil, aspecto da cultura popular ainda pouco estudado e valorizado no Brasil.

No passado, apenas João Ribeiro estudou, em profundidade, no seu "O FOLCLORE", manifestações do nosso populário das crianças. Sobretudo nos seus aspectos linguístico e histórico. As fontes latinas. As filiações de várias das nossas parlendas, rimas, contos, fábulas, advinhas. Sendo filólogo eminente, João Ribeiro se preocupava com transformações e migrações dos nossos vocábulos, através do folclore infantil. Também com o fim de demonstrar a unidade da nossa cultura. Deu-nos, nessa linha de trabalhos, contribuição pioneira de primeiríssima categoria. Há outros precursores desses estudos no país, como a educadora Alexina de Magalhães Pinto, em Minas Gerais, autora de dois livros excelentes, "OS NOSSOS BRINQUEDOS", Lisboa, 1909, e "CANTIGAS DAS CRIANÇAS E DO POVO E DANÇAS POPULARES", Lisboa, 1916. O nosso mestre Luís da Câmara Cascudo, em numerosos livros e ensaios, também nos deu subsídio na espécie, principalmente na colheita, classificação e interpretação dos contos infantis. Em verdade, ele excursionou por todas as áreas do folclore das crianças, sendo o seu "DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO" fonte permanente de consultas e informações históricas nesse campo.

Recentemente, no livro "FOLCLORE INFANTIL", – reunião de ensaios sobre o tema, – direcionou-nos outro tipo de abordagem: o sentido social e educativo da lúdica infantil. Sua utilidade no desenvolvimento físico e mental das crianças. Recolhendo materiais autenticamente nordestinos, mostramos ali, quanto possível, suas raízes e variantes no país e estrangeiro, ontem como hoje. E lá estão claras ou implícitas tanto a importância social dessas manifestações quanto o valor do seu aproveitamento na educação escolar. O folclore infantil, além do seu sentido estético, lúdico, ético, igualmente condensa sentido educativo, que precisa ser explorado em benefício das próprias crianças. Se não oferecemos os processos práticos para manipulação desses materiais, – tarefa que é mais da competência de educadores e planejadores sociais, – indicamos ali o conhecimento da bibliografia especializada, nacional e internacional. Como sentimos e proclamamos a utilidade inadiável do seu aproveitamento nas escolas.

O VALOR EDUCATIVO DO FOLCLORE

Vamos extrair da literatura especializada algumas achegas em torno da teorização desta temática.

Modernamente, no país, vem insistindo nessa tônica o sociólogo paulista Florestan Fernandes. No seu livro "O FOLCLORE EM QUESTÃO", ele afirma: "... os cientistas sociais confirmam as conclusões dos folcloristas, dando-lhes nova base empírica e teórica. O folclore possui um valor educativo. Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social." E ressaltando as influências socializadoras do folclore, acrescenta: "De um lado, a criança aprende a agir como "ser social"; a cooperar e a competir com seus iguais, a se submeter e a valorizar as regras sociais existentes na herança cultural, a importância da liderança e da identificação com centros de interesse supra-pessoais, etc. De outro lado, introjeta em sua pessoa tecnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente. As composições folclóricas tratam de amor, de obrigações de pais e filhos, de namoro e casamento, de atividades profissionais, da lealdade, do significado do bem e do mal, etc. Quase que insensivelmente – adianta – a criança assimila esses elementos culturais, introduzindo-os em seu horizonte cultural e passando a ver as coisas muitas vezes através deles."

Florestan Fernandes não deixa de reconhecer a complexidade e delicadeza desses problemas no momento de sua utilização como instrumento de educação. Aduz, a propósito: "Enquanto suas influências socializadoras se dão espontaneamente, não existem problemas. A criança "aprende" na rua. Alarga sua experiência e amadurecimento, convivendo com os outros. No entanto, – adianta, – quando se pensa em introduzir o folclore na escola e em tirar proveito deliberado dele como "técnica de educar", passa-se para outro nível de reflexão e de ação". Aqui, Florestan Fernandes se posiciona, entendendo que se devem aproveitar as influências construtivas do folclore, onde for possível, na educação sistemática. "Professores de português, de história, de geografia, de ginástica, – acrescenta, – poderiam tirar amplos proveitos construtivos desses recursos educativos." Mas, o sociólogo se manifesta contrariamente à introdução do folclore "como disciplina independente no currículo de qualquer nível de ensino, – inclusive superior." Entende que ainda não é oportuno. Ponto de vista respeitável, – embora haja quem discorde do seu posicionamento provisório. Hoje, a cadeira de Folclore funciona em várias universidades brasileiras, como disciplina especializada dentro dos cursos de antropologia cultural. As reservas de Florestan Fernandes, nesse sentido, não alteram a importância com que ele próprio encara e recomenda a utilização dos materiais folclóricos na educação.

Fora do Brasil, são incontáveis as vozes autorizadas que já se pronunciaram em favor daquele ponto de vista. A educadora porto-riquenha Maria Cadilla de Martinez afirma: "... os jogos realizam uma imponderável missão social: adaptam o menino ao seu meio e o preparam para cooperar com seus semelhantes". Giuseppe Pitré, folclorista italiano, nos diz que "os jogos são a escola na qual os meninos apreendem hábitos que lhes serão de prática utilidade em sua vida e futuro; que eles encerram uma moral, segundo a qual a boa fé e a honestidade são condições necessárias a todo bom jogador." E Stanley Granville Hall, educador norte-americano, proclama na mesma linha: "... o jogo infantil é um processo espontâneo, instintivo, que a natureza humana elege para poder alcançar sua plenitude e perfeição em todas as ordens construtivas da vida; jogando, o menino fortalece o seu organismo, adquire idéias e se racionaliza como ser social; os jogos possibilitam o importante serviço de eliminar da sociedade seus próprios erros em procedimento; os ritmos que acompanham o jogo estimulam a sensibilidade do menino, modelam seus caráter e dão a seus sentimentos a oportunidade de refinar-se."

A autora do livro "JUEGOS Y CANCIONES INFANTILES DE PUERTO RICO," Cadilla de Martinez, chega a reafirmar a relevância dos jogos, com estas palavras enfáticas: "Nenhum tratado de moral humana ou de justiça poderia ser mais objetivo e mais eficaz para a humanidade do que os jogos das crianças". De fato, – dizemos nós no livro recém-publicado: "... ao iniciar um jogo qualquer, as crianças estabelecem regras essenciais, escolhem juízes, mantêm sagrados certos lugares previamente convencionados e, de modo nenhum permitem fraudes ou tapiações, as quais são severamente punidas."

A folclorista argentina Marta Blache, no ensaio "FOLKLORE Y EDUCACION: REFLEXIONES SOBRE EL TEMA" – colocou, com propriedade, alguns problemas pertinentes à aplicação desses elementos folclóricos na educação. Diz ela e nós traduzimos: "É preciso ter em conta, todavia, que o fato folclórico não é uma panacéia aplicável de maneira indiferenciada em qualquer área do país. O fenômeno tem uma localização. Por conseguinte, se quer que constitua uma ponte envolvendo a escola e a realidade social, física e cultural em que se desenvolve o educando, dever-se-ão tomar em consideração as expressões folclóricas de cada região." Absolutamente correto. Embora as manifestações – em sua maioria – sejam de origem européia e difusão continental na América Latina – dizemos nós – elas variam de região a região nos seus termos e mesmismos locais. De maneira que uma mesma seleção de parlendas, por exemplo, colhida no nordeste do Brasil, já se apresenta em múltiplas variantes no sul ou no extremo norte do país. Os planejadores devem tomar o fato em consideração, pois nos parece fundamental ao seu objetivo pesquisa guido. Não há, pois, como assinala Marta Blache, "um repertório de manifestações ajustáveis a todas as regiões," sendo necessário que "se tenha em conta a diversidade cultural das distintas áreas do país, sejam rurais, sejam urbanas ou suburbanas." Igualmente se preocupa a folclorista argentina com a apresentação de "um provérbio, um mito, uma dança ou um objeto artesanal desgarrados do seu contexto e da significação que tem para quem participa dessa manifestação." Também nos parece correto o lembrete, todavia, essa sincronia da manifestação com o seu contexto deve ser feita pelos educadores, uma vez informados e motivados pelos folcloristas da região.

Veríssimo de Melo é folclorista, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

LIVROS E AUTORES

JAIME HIPÓLITO DANTAS

JORGE FERNANDES

É o melhor poeta que já houve por cá? Pelo menos é o que tem despertado um pouquinho mais de interesse. Marcou época nos começos do Movimento Modernista, e Mário de Andrade chegou a elogiá-lo. Ainda hoje é objeto de estudo, ao menos por cá. O que, de qualquer modo, é raro. O último foi o de Francisco das Chagas Pereira, "Leitura de Jorge Fernandes", saído em 1985. É um bom trabalho, seguramente a melhor coisa que até agora se faz sobre a matéria. O poeta foi pela primeira vez estudado com competência crítica. Por quem sabe o que faz. O método da análise pode parecer excessivamente acadêmico, o que torna pesada, em grande parte, a leitura do livro. Recorde-se que Francisco das Chagas Pereira é professor universitário, mestre em lingüística. É o caso. Mas era justamente dum estudo como o seu, da sua categoria, que estava a carecer a poesia de Jorge Fernandes.

Jorge Fernandes

GOSTAR DE LER

O informativo "Azulão", dos estudantes de letras (de letras, ó) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estampa em manchete: "Estudantes da UFRN não gostam de ler". Bem, os estudantes não lêem, e os professores? Você vai a uma livraria e não os vê lá. Há uma noite de autógrafos, e quem lá os vê? Fico me lembrando: não faz tanto tempo, esteve por cá o escritor Ignácio de Loyola Brandão. Veio, falou pela manhã para os estudantes da UFRN. Fluente, brilhante, chegou a me parecer melhor falando do que escrevendo. Mas é um bom escritor. À tarde, me disseram, levaram-no a participar duma sessão de autógrafos numa livraria da cidade. Nem queiram que eu diga quantos volumes, segundo ouvi dizer, ele autografou. Cinco? Reduzam essa cifra. Para três.

O "Diário da Manhã" não o li, mas está aqui, já lidinho e degustado, o "Diário da Tarde", de Josué Montello, ambos. Os romances dele ainda não me atraíram. São muito volumosos para meu gosto, e quando os vejo só me lembro dos livrões de Octávio de Faria. Que pareciam não ter fim nunca, e só por capricho cheguei a ler um único. Esqueci. Como escreve bem Josué Montello. Sua prosa tem a limpidez dos clássicos, do que é exemplo a nenhuma concessão que faz às expressões vulgares, muito menos ao palavrão e à incorreção gramatical. É um narrador elegante, com a força descritiva e o poder de observação que somente têm os escritores para os quais, de fato, escrever é uma arte cujos compromissos com a estética não podem ser dispensados. Ler qualquer dos registros com que enche as quase 800 páginas deste seu "Diário da Tarde" é verificar que é possível praticar a boa prosa no Brasil. É tudo muito interessante. E praticamente nada se perde. Tudo é anotado com brilho, às vezes com minúcias de dados, como se a intenção do autor fosse pegar tudo (todos os acontecimentos e todas as pessoas das relações do escritor, suas leituras, suas lembranças) e tudo recriar dentro dum livro que fosse não apenas um diário dum homem de letras, mas um depoimento múltiplo, meticuloso, sobre uma fase da história literária, política e humana deste país. Os reflexos das virtudes do grande romancista, que em José Montello parecem inesgotáveis, não palpáveis. Assim também a capacidade de recriação de ambientes. O senso da medida ao traçar perfis e a conferir valores. A boa memória que o faz, sem forçar a cabeça, lembrar-se do que quer: nomes, situações, fatos, datas, com o que vai reconstituindo a vida presente e também a passada, que viveu, ou que viveram os amigos, os conhecidos e aqueles que, pelo engenho ou a arte, entraram, para ficar, na história. Tantos nomes, tantas obras, tantos poetas, romancistas, filósofos, artistas plásticos, músicos, políticos, e tantas cidades, ruas, casas, salas de visitas, bibliotecas, salões, nada parece ter ficado de fora do seu livro, constituindo, tudo, matéria-prima para uma anotação, para se ler e pensar. Os diários são livros frequentemente fantasiosos e tão inverídicos quanto os romances fantásticos. A intenção de quem os escreve pode ser simplesmente falar dos próprios êxitos numa carreira, ou na vida. É raro, como em Amiel, o mais famoso dos praticantes do gênero, a revelação dos desalentos e fraquezas ser a tônica dos registros. Na maioria dos casos (e a variedade é tanta que dá para atender a todos os pendores), o que vai contar é perfídia para com o próximo, principalmente quando se estabelece que o que se escreveu somente sairá a lume como obra póstuma, porque aí qualquer possibilidade de defesa das vítimas já não haverá, ou virá fora de hora. Prevenido, Josué Montello apressa-se em nos advertir, já na introdução deste seu "Diário da Tarde", que a sua preocupação básica, ali, foi dizer a verdade. Outra, não deixar que indiferenças pessoais ou malquerenças se sobressaíssem em suas anotações. Até que ponto tais propósitos, em especial o primeiro (os compromissos do autor com a verdade), foram cumpridos, ignoro. Trata-se do diário dum escritor, em suma, e ninguém vai exigir dum homem de letras compromisso algum, firme, intransigente, com a verdade, em prejuízo da fantasia. Escrevendo, somos todos uns mentirosos.

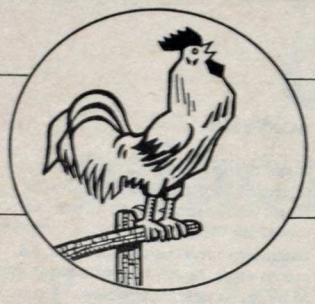
ACADEMIA

O poeta Iaperi Araújo continua querendo entrar para a Academia Norte-Riograndense de Letras. O jornalista Marcos Maranhão também. Disputam uma mesma cadeira, há muito vaga. Iaperi tem os seus votos. Marcos, os dele. O problema é o poeta Diógenes da Cunha Lima, o presidente da casa, que não realiza a eleição. Não tem obrigação, por lei, de cumprir prazo algum. Um dia o pleito sai. Quando? Quando ele, o presidente Diógenes, quiser. É preciso ter paciência. "E eu tenho", Iaperi Araújo me disse. De Marcos Maranhão, não sei. Pode desistir de tanto esperar. Assisti uma única vez a uma sessão da Academia, a nossa. Achei tudo dum negrume de morte. Quem inventou aquela roupa preta debruada de verde que o pessoal usa lá, a título de fardão? Quando rompeu com a Academia Brasileira de Letras, Graça Aranha cunhou a frase: "Tudo vive espiritualmente. Só a Academia traz a face da morte". Nunca vi coisa mais certa. Só me lembrei disso.

Diógenes da Cunha Lima

ENTRESSAFRAS

Saiu, registre-se. É um volume de poemas ("Entressafras") reunindo dois livros, de dois autores. De parceria. Foi editado em Mossoró pela Tipografia Expressa. A apresentação gráfica merece louvores. Bem bolada. Na verdade, bonita. Os livros, "Descendo à Terra", de Gustavo Luz, e "Semeadura", de Leontino, seriam melhores, se evitadas as "facilidades". Os autores, ambos, são ainda jovens. Escrever poesias só na aparência é fácil. Por exemplo, quatro palavras. "O amor é útil", formariam sozinhas um poema, bastando que lhes déssemos uma certa disposição gráfica? Não dá. Pois é, não dá, meninos.



O GALO CONTA

O GALO NO PARANÁ

O jornalista e escritor Wilson Bueno, editor do pioneiro **NICOLAU**, que já está no nº 13, editado pela Imprensa Oficial do Paraná, escreveu um entusiasmado artigo no jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, sobre **O GALO**. Disse Wilson: "Recebo o último número do tablóide O GALO, criativa invenção editorial da Fundação José Augusto e Companhia Editora do Rio Grande do Norte. A publicação muito próxima do nosso **NICOLAU** é, como este, bancada pela iniciativa oficial, numa arejadíssima prova de que, também no Nordeste, nem tudo está perdido. E mais: que o entusiasmo de pequenas equipes, conscientes da esterilidade do barnabeísmo, esse cancro que corre por dentro da burocracia brasileira, não se entrega fácil e vai à luta e começa a instaurar na República dos Bruzundangas um novo pensamento de imprensa ligada ao patrocínio de governos.

Em seu 4º número, mensal, O GALO faz seu canto e não espera acontecer: são 28 páginas, com o melhor da criação potiguar, além de uma rasgada (e bem resolvida) homenagem ao centenário de Fernando Pessoa, dando-se inclusive ao luxo de **estourar** todo o espaço da contracapa com uma foto do poeta. A cara clássica e o verso célebre: "Só a loucura é que é grande!".

Com o recém nascido O GALO, Natal faz juz à fama: foi, de todas as cidades brasileiras, para quem não sabe, a mais inquieta, na eclosão, por exemplo, do movimento "poema-processo" que teve, há quase 20 anos, entre paulistas (de novo) os seu gurus federais. Toda uma geração do Rio Grande do Norte marcou presença ativa no movimento e eu me lembro, lá no início dos setenta, das figuras inquietas e pertubadoras, na "conquista" do Rio em que nos empenhávamos todos, do poeta Dailor Varela, de José Nêumane Pinto (hoje todo-poderoso editor na imprensa paulista) e, sobretudo, de Frederico Marcos, que acabou trocando a "foto-processo" pela batina e hoje é pároco em Portugal.

Lembranças à parte, o fato é que com este "O GALO", que tem na editoria Marize Castro, o Rio Grande do Norte está com tudo para marcar presença nacional, furando o ditatorial eixo Rio-São Paulo, sem deixar de se manter aberto ao melhor da contribuição brasileira."

QUADRINHOS POTIGUARES

O GRUPEHQ – Grupo Pesquisa de Histórias em Quadrinhos lançou neste mês a revista IGAPÓ – Quadrinhos Potiguares, contando o episódio real do ataque de Lampião à cidade de Mossoró. A revista conta com o apoio da Fundação josé Augusto e faz parte das comemorações do cinquentenário da morte de Lampião.

O Grupehq, fundado em maio de 1971, é o mais antigo grupo de roteiristas e desenhistas de quadrinhos do nordeste.

Os autores são Emanoel Amaral e Aucides Sales. O preço do exemplar é Cz$ 200,00. Os pedidos devem ser feitos diretamente ao Grupehq na rua Cônego Leão Fernandes, 619, Tirol, ou para a Redação de O GALO, rua Jundiaí, 641. Natal, RN.

MARCA DE FANTASIA

O número seis da revista de quadrinhos MARCA DE FANTASIA chega à nossa redação. A revista é editada há 3 anos, em João Pessoa, na Paraíba, por Henrique Magalhães e Sandra Albuquerque. Neste número, o grande homenageado é Henfil que está presente com o FRADIM, no quadrinho O PECADO ORIGINAL. "Vai-se Henfil, mas seu espírito continua conosco em nossas declaradas e, principalmente, ocultas fantasias", diz os editores. Entre quadrinhos e quadrinhos, há uma entrevista com Richard Goodwin, o Ricky, que fala sobre a Agência Funarte de Quadrinhos Brasileiros.

O endereço para correspondência é: Caixa Postal 1113, 50001 – João Pessoa, Paraíba.

Arquivo

Geraldo Dias da Cruz

RIO DOS SIGNOS

Geraldo Dias da Cruz. Belíssimo poeta. Poesia translúcida, límpida. "Ah, ramos distraídos/Doce fragilidade/De todas as coisas." Com estes versos Geraldo finda o livro **RIO DOS SIGNOS**, vencedor do Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, em 1984. Geraldo é mineiro, radicado em Goiânia. Além de **RIO DOS SIGNOS**, Geraldo nos enviou também **TRÊS MUNDOS: O POETA**, um livro de ensaio, em que figuram três grandes nomes de poetas: Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos e Camões. Sem dúvida, um trabalho sério, feito com sensibilidade e inteligência.

Quem estiver interessado em conseguir alguns dos livros deve escrever para Geraldo, rua 09, nº 2.351/403, Edifício Dom Ricardo-Setor Marista, CEP 74.000 – Goiânia, Goiás.

DIRIGENTES E PRODUTORES CULTURAIS REUNIDOS

A Fundação José Augusto promoveu nos dias 13 e 14 deste mês, em Caicó, o I Encontro de Dirigentes e Produtores Culturais do Seridó. Entrosar os produtores e dirigentes da cultura norte-riograndense, propiciando o envolvimento dos municípios num amplo trabalho de planejamento, execução e avaliação do processo de produção, consumo e circulação dos bens culturais, foram os principais objetivos do Encontro.

CRIAÇÃO, TRANSCRIAÇÃO, INTERPRETAÇÃO

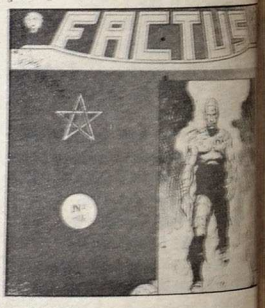
Concretos e não concretos co- çam a ficar ansiosos com a vin- Haroldo de Campos a Natal, uma ciativa da Fundação José Augus- UFRN. Haroldo desembarca por lados ainda na primeira quinze- setembro. No dia 12, no Auditó- Fundação José Augusto, ele in- curso sobre Criação, Transcria- Interpretação.

Da poesia Concreta à Escr- Galática; Da Transcriação: Teo- Prática da Tradução; Psicanál- Poesia: Lacan e o Barroco, são t- mas que o poeta vai abordar nos 12, 13 e 14. No dia 15 será a exi- do vídeo feito por Haroldo com p- ticipação dos Titãs, Júlio Bress- Paulo Leminsky. Além do curso, H- roldo de Campos ainda se encon- com estudantes da UFRN e artistas cidade, e ainda orientará trabalho pesquisas. As inscrições para o c- serão feitas no Centro de Promoç- Culturais da Fundação José Augus- Departamento de Letras da UFRN.

FACTUS

Chegando até a redação de O G- LO a revista FACTUS, editada por A- vimar Pires dos Anjos. Quadrinhos melhor qualidade. Muita gente no- talentosa participando de FACTUS.

Quem quiser assinar ou escre- para revista o endereço é o segui- Caixa Postal 1221 – CEP. 130 Campinas-SP.



COISAS DA VIDA

O GALO agradece e registra a p- sibilidade do jornalista de Ribe- Preto, Oswaldo Lopes de Brito, O- waldo percebeu e garantiu aos s- leitores, na sua coluna Coisas da V- do jornal O Diário de Ribeirão Pr- que O GALO mesmo sendo um pr- financiado pelo Governo do Estado Rio Grande do Norte, desmistifi- "oficialismo" ao qual estamos ac- tumados. "O GALO é uma para- diz Oswaldo. Coisas da Vida...

O GALO CONTA

"O QUE VIER EU TRAÇO"

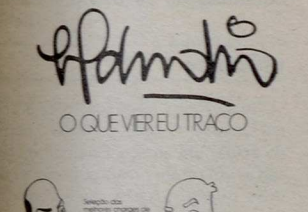
"O Que vier eu traço" é o título do livro que o chargista Cláudio de Oliveira estará lançando no próximo dia 26 de agosto na Livraria Clima do CCAB-Norte, em Petropólis, a partir das 18 horas.

O livro reúne charges que mostram os acontecimentos da transição democrática, passando pelo Plano Cruzado, o boicote do boi gordo, a instalação e o desenrolar da Constituição e o desenrolar da Constituinte, as diretas para presidente, o plano Bresser e as peripécias de Mailson da Nóbrega e a volta do Brasil ao FMI.

Cláudio lança seu primeiro livro com uma coletânea dos seus trabalhos, depois de 13 anos publicando charges diárias na imprensa potiguar.

O Pasquim, MAD, Careta e Folha de S. Paulo foram alguns órgãos da grande imprensa nacional que também publicaram em suas páginas os desenhos do chargista natalense.

Premiado em vários salões de humor, entre eles o do Piauí, João Pessoa e do Rio de Janeiro, Cláudio também expôs em diversos salões internacionais como o de Piracicaba e na Bulgária, Iuguslávia, Bélgica, Canadá, Itália e Nicarágua.



PAZ, CULTURA E COMUNICAÇÃO

A Associação Internacional de Pesquisas da Paz está realizando no mês de agosto, do dia 14 ao dia 19, no Rio de Janeiro, no Hotel Glória, a XII Conferência Geral da Associação. O tema central é: PAZ, CULTURA E COMUNICAÇÃO: DIÁLOGO TRANSACIONAL. Estão participando pessoas de todo o mundo, na primeira manifestação educacional, cultural e artística no Brasil de um tal evento internacional. Segundo o Secretário Geral e Editor da IPRA (Internacional Peace Research Association) Newsletter, Clóvis Brigagão, "a Paz é um diálogo de confianças, uma recriação de sonhos nesse tempo de feras. IPRA é um fórum de debates, de reflexão permitindo o diálogo planetário que corresponde a diversidade cultural do mundo".

A IPRA está localizada junto ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Sociedade Brasileira de Instrução, rua Paulino Fernandes, 32/3º – Botafogo – CEP 22270 – Rio de Janeiro-RJ.

O PRESTÍGIO DO DIABO

O escritor Assis Brasil enviou ao O GALO o seu mais recente livro, O PRESTÍGIO DO DIABO, editado pela MELHORAMENTOS. Assis é autor do romance "copacabanense" O DESTINO DA CARNE, que foi classificado pela crítica como "doloroso e cruel".

Diz Nestor Host sobre O PRESTÍGIO DO DIABO: "Assis Brasil, veterano escritor, chega ao melhor da sua carreira, ao amadurecimento total, à sublimação da grande arte. Narrativa segura, linguagem artística, romance muito bem escrito, enredo empolgante, trama "diabólica", cultura, conceitos filosóficos, religiosos, uma verdadeira saga da sofrida condição humana. Saga esta que leva o leitor, do começo ao fim do livro, a uma leitura em **suspense**, emotiva, experimentando os mais variados sentimentos, num misto de revolta e admiração".

Os interessados podem adquirir o livro na Editora Melhoramentos, rua Tito, 479, São Paulo, Cep. 05051.

I ENCOMPOR

Será realizado de 22 a 24 de setembro, em Porto Alegre, o I ENCONTRO DE COMPOSITORES DA REGIÃO SUL. O Encontro homenageará o compositor e professor Armando Albuquerque. Identificar novos compositores contemporâneos, além de divulgar suas obras e possibilitar debates sobre sua atividade específica, dando destaque à música instrumental, são os objetivos do encontro.

A promoção é do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural do Rio Grande do Sul.

NA GRANDE NOITE DOS GIRASSÓIS

A poeta catarinense Mila Ramos presenteou O GALO com o seu último livro NA GRANDE NOITE DOS GIRASSÓIS. Um livro despojado de floreios, enxuto.

Entusiasmado, Deonísio da Silva proclamou no Jornal do Brasil: "Editores do meu Brasil, salvai Mila Ramos. Ela merece. Sua poesia merece. Mila Ramos faz uma poesia linda, num tom litorâneo muito próprio à efetiva linguagem de beira-mar".

Quem tiver interesse de ler **Na Grande Noite dos Girassóis** deve escrever para Mila Ramos, rua Expedicionário Holtz, 491, 89200-Joinville-Santa Catarina.

ARAUTO

Lançado no primeiro semestre deste ano, o livro de poemas ARAUTO, do poeta Cândido Rolim (cearense, radicado em Minas Gerais), é um daqueles livros que se lê com a mesma voracidade com que se faz amor com quem se quer. Não há como não se emocionar. No jornal ESTADO DE MINAS, o crítico Márcio Almeida fala sobre Arauto com muita lucidez: "Poema crítico fragmentado, porém sem retórica, ao contrário, contido e denso, **Arauto** remete ao **amasilho primordial** de vicente Aleixandre, ao **Sermón de la Barbárie**, de Cesar Vallejo, a um planeta em **formação, putrefação e germinação**, de que fala Octávio Paz, onde confluem as marcas colonialistas, o cristianismo, o marxismo, **o homem despossuído da América Latina**, no caso, dos sertões híbridos do Brasil, os sem-terra, a orfandade humana".

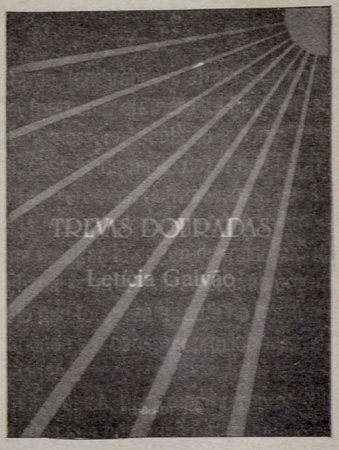
ARAUTO é uma publicação de Edições Dubolso, caixa Postal, 84, CEP 34500 – Sabará – MG.

TREVAS DOURADAS

TREVAS DOURADAS é o título do livros de poesias que Letícia Galvão lança no dia 19 deste mês, no Museu Café Filho, no Centro de Natal.

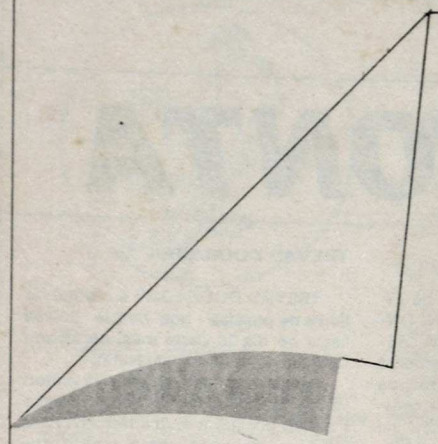
Letícia que tem 73 anos, já editou vários livros entre romances, contos infantis, poesias e textos técnicos para médicos, defini-se como uma "profunda admiradora de certas paisagens pretéritas e nelas busco o meu refúgio".

O patrocínio do lançamento é da Fundação José Augusto.



EXPOSIÇÕES DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

A programação da Galeria de Arte da Biblioteca Câmara Cascudo para os meses de agosto e setembro é a seguinte: I Mostra de Pintores Franceses do Museu D'Orsay de Paris (12 a 18 de agosto; Exposição Individual de Marcolino (19 a 25 de agosto); Exposição Individual de Lourdes La Greca(de 26 de agosto a 1 de setembro); Exposição Individual de Socorro Evangelista (de 02 a 08 de setembro); Exposição Individual de Fátima Nóbrega (de 09 a 15 de setembro); Exposição de Júlio César Revorêdo e Eribaldo Furtado (de 16 a 29 de setembro).



Cartas dos Leitores

AVANÇO

Não poderia deixar de acusar o recebimento de O GALO.

A iniciativa merece um registro especial, porque se trata de uma excelente publicação que vem enriquecendo a nossa cultura. Considere-se, ainda, que a publicação de um jornal cultural é sempre um avanço para o engrandecimento do nosso país, no entanto, numa época de vacas magras como é a que estamos atravessando, em que a cultura é sempre deixada para um segundo plano, o lançamento de O GALO adquire um significado muito maior.

Os escritores nordestinos têm tido pouco espaço na imprensa brasileira, portanto toda vez que é lançado no Nordeste um novo órgão de imprensa dedicado à cultura, deve-se festejar.

Emil de Castro
Escritor / Mangaratiba
Rio de Janeiro

CAMINHOS

Sou jornalista e profundo admirador dos trabalhos que preconizam a cultura, suas manifestações, sonhos e pesadelos. O GALO chegou-me às mãos via O NOVA EXPRESSÃO, um Jornal igualmente culturae do qual orgulho-me de ter sido um dos mentores na criação.

Gostaria, na qualidade de jornalista da Universidade Federal de Viçosa (UFV) receber regularmente O GALO e, em troca, mandaria o boletim aqui editado, o "UFV INFORMA", ao mesmo tempo que me coloco à disposição para qualquer eventualidade.

Abraços, e que vocês continuem cada vez mais trilhando os árduos, mas fantásticos caminhos da cultura.

Giovanni Weber Scarascia
Viçosa-Minas Gerais

BOM GOSTO

Agradeço o envio de O GALO, ano I, nº 4, de junho do ano em curso.

Parabenizando-os pelo bom gosto e pelo caráter oportuno das matérias, esclareço que me considero efetivo divulgador do seu excelente trabalho.

Sempre à disposição e desejando a confirmação diuturna da qualidade de O GALO, aqui fixo o meu abraço fraterno e solitário.

José Maria de Souza Dantas
Presidente da Coordenação de Estudo e Pesquisa Linguístico Literários das Faculdades Integradas Augusta Motta
Rio de Janeiro.

ESFORÇO

Acusando o recebimento da edição de maio de O GALO, desejo cumprimentar pela qualidade da edição e pelo cuidado na seleção dos textos.

Edições desse nível revelam o esforço da invejável inteligência de intelectuais do Norte e Nordeste na difusão das obras, dos talentos e das idéias que buscam a prosperidade das letras e das artes no Brasil.

Sem intenção de destacar isoladamente nenhum dos colaboradores, quero, entretanto, cumprimentar o Dailor Varela pelo texto limpo e simples das "Curtas Memórias de um peão da notícia".

Herculano Moraes da Silva Filho
Escritor / Teresina-Piauí

CANTANDO DE GALO

Parabéns. Continuem assim, cantando de GALO!!!

Fernando Py
Escritor/Petrópolis-RJ

PARTE DA HISTÓRIA

Nem tudo está perdido! Enquanto alguém, neste país, acreditar que cultura é assunto de interesse quase geral, enquanto algum governo se preocupar em manter um jornal que fala de literatura como parte da história de um país, então, nada, nada mesmo, se perderá. Fico feliz por estar participando do grupo de leitores deste O GALO, nº 04. E não quero ser esquecida nos próximos números, OK?

Quero abraçar os autores dos trabalhos, especialmente Sanderson Negreiros, pelo trabalho sobre Gilberto Freire e mais Marize Castro (a editora, não?) sobre a inteligente entrevista com Lenine Pinto. É sempre muito difícil entrevistar. E como estamos "plenos" de maus entrevistadores, fico contente ao ler um trabalho que provoque, no entrevistado, a necessidade de enriquecer o leitor. Afinal, de entrevistadores que perguntam se o entrevistado é feliz, nós já estamos lotados!

Tem muito o que elogiar seriamente em O GALO. Como poeta, quero vibrar com a página 23. Linda! Texto e montagem. Parabéns aos autores do trabalho.

Abraços grandes para vocês todos.

Mila Ramos
Poeta / Joinville
Santa Catarina

EXCELENTE SERVIÇO

O GALO é uma excelente publicação. Todas as matérias são de ótima qualidade, prestando um excelente serviço na divulgação da cultura norte-riograndense.

Geraldo de Oliveira
Taubaté / São Paulo

EFICIÊNCIA

Tenho recebido regularmente O GALO e apreciado a força do jornal. É importante essa aglutinação de talentos ao norte. Chega de dispersão. Vocês estão dando o seu recado eficientemente.

Espero que o projeto continue, o meu abraço e estímulo.

Affonso Romano de Sant'Anna
Poeta e Escritor / Rio de Janeiro

PROPOSTA SÉRIA

Acuso o recebimento do jornal O GALO. Trata-se de um jornal com uma proposta séria de questio... mentos literários de qualquer ter... espaço, tendência, formas. Um co... junto de notícias bastante valioso... que está acontecendo em termos ... arte tanto em Natal, como tamb... dos eventos que são realizados n... resto do Brasil. Lembranças ao ... Medeiros, Novenil, Alexandre, Ca... Gurgel, João da Rua, Venâncio... Ho... na Bahia os poetas da praça manda... um abraço. Jorge Pápá pé também... Gostei muito da matéria a respeito ... Gilberto Freyre. Espero continuar r... cebendo este excelente veículo de ... formação.

A Fundação José Augusto e... Companhia Editora do Rio Grande d... Norte estão de parabéns por ... grande incentivo ao jornalismo, à li... ratura, à poesia e arte de um mo... geral. Desejo que vocês sigam em... frente.

Ricardo Emanu...
Poeta e estudante ...
Comunicação da UFBA/Salvador-Ba...

DINÂMICA

Recebemos e agradecemos o ... nal Cultural O GALO. Temos o pra... de enviar um abraço. Estamos interes... sados em receber mais publicações ... boas quanto essa. A continuidade e ... sua importante atenção. Falta-nos ... tanta coisa. Mas estamos felizes com ... sua dinâmica atuação no panorama ... cultural brasileiro.

Kátia Cristina Ram...
Bibliotecária-Chefe ...
Biblioteca Lima Barr...
Belford Roxo-R...

PRENÚNCIO

Que boa e agradável surpresa ... ceber O GALO das terras do ... Grande do Norte: é prenúncio de bo... tempos!

Parabéns, pois trata-se não só ... um veículo que entra no circuito de... florescimento fora do eixo Rio-S... Paulo. Como ele está bem afina...

anta bem O GALO, como sempre Natal fez, desde o tom e a cultura do Câmara Cascudo.

Clóvis Brigagão
Secretário Geral e Editor da IPRA (INTERNATIONAL PEACE RESEARCH ASSOCIATION) Newsletter/RJ

GRANDE CONQUISTA

Tenho em mãos um novo exemplar de O GALO, jornal cultural, o que cumprimento a todos vocês pela relevante contribuição prestada à Literatura Brasileira. O GALO, com seu canto potiguar, tenho certeza, se fará ouvir no país inteiro, com o nosso merecido respeito, pela importância da publicação, grande conquista para o Rio Grande do Norte e para o Brasil.

"Na Voz do Silêncio", meu mais novo livro de poemas (3º livro), foi lançado em Imbituba em junho próximo passado. Integrando um programa denominado "Autor-Escola", à convite do Governo de Santa Catarina, da Fundação Catarinense de Cultura, estarei fazendo vários lançamentos em várias cidades do Estado, e de várias cidades brasileiras.

Nesta oportunidade quero agradecer o apoio no sentido de divulgar através de O GALO notícias referentes ao livro. Sem mais, e sempre no aguardo de um novo O GALO, renovo sinceros cumprimentos e agradecimentos pela enorme contribuição do jornal à nossa literatura.

Almir Martins
Presidente da Academia Sul Catarinense de Letras
Imbituba-Santa Catarina

FONTE DE LUZ

O jornal cultural O GALO me proporciona bons momentos de enriquecedora leitura.

Meus parabéns a todo o pessoal. A gente que vive numa das ilhas deste oceano brasileiro precisa de alguma orientação sobre os rumos parados e móveis da nacionalidade. O GALO me assinala na distância uma fonte de luz na imensidão, um sinal de vida, uma saudação de semelhantes. Se cada ilha tivesse um pólo cultural assim o abrasileiramento das coisas e dos seres seria bem mais humanizado, a troca de calor neutralizaria a frieza da solidão e o diálogo poderia escoimar a redundância do monólogo.

Parabéns e muita longevidade.

Lázaro Barreto
Divinópolis/Minas Gerais

PRIMOR

Não podia faltar com uma palavra feliz diante do GALO. Grande iniciativa, primorosa execução, pois o "bicho" tem estado ótimo na qualidade do que publica. Agora a gente passa a conhecer os valores novos e se confirma no apreço pela turma da velha guarda. Boa, muito boa, essa idéia de misturar as turmas.

Não há dúvida que o jornal cultural da Fundação José Augusto "canta de galo".

Umberto Peregrino
Escritor/Rio de Janeiro

AFINADO

O GALO cantou pros calungas, afinado com o concerto da natureza e o conserto da humanidade. É hora de acordar. O questionamento do fazer intelectual é inerente a seu combustível esotérico, e deve conduzí-lo a uma aproximação maior com a realidade. A idéia está sempre à frente e deve mesmo ser uma lâmpada. Aqui em São Vicente (SP) ainda não descobrimos nem São Vicente, que dirá o Brasil. Quem dera cada estado ter seu GALO, cada cidade ter um sistema de formação e informação cultural. Aliás, nas grandes cidades nem têm mais galos, só carros.

Pronto para o intercâmbio e grato pelo envio d'O GALO, renovo a disposição e a necessidade de continuar recebendo esse imprescindível periódico potiguar.

Saúdo-vos com um singelo soneto.

"BARCO IDÉIA"

O sorriso de madeira
do barco abandonado
na curva do rio
reflete o navegador.

A água que o invade
tolhendo movimentos
é suor de incapturados peixes
no dia-a-dia de ser pirata.

Agora parado entre a folhagem
que já foi de si a margem
em passadas aventuras.

O barco ri de suas bravuras
vencer tantas rachaduras
e acabar vaso na paisagem.

Antônio do Pinho
Editor da Jogo-Duro Editora
São Vicente/São Paulo

POEMAS FUNDAMENTAIS

O GALO está muito bem feito, por isto merece o nosso aplauso. Agradeço o envio. Gostei de ver Luiz Rabelo (ainda vive?) e Nei Leandro de Castro, com seus poemas fundamentais, belos e instigantes.

O GALO não é cego, canta, e os seus diretores ouviram e sabem aonde é: na Cultura com C maiúsculo de que o país está precisando.

Chico Miguel de Moura
Escritor / Teresina-Piauí

SEM EXCEÇÕES

Como é gratificante e animador ter em mãos um novo jornal cultural neste país onde a divulgação e o acesso à cultura nunca recebem a prioridade necessária. O GALO está muito bom, sem exceções. Parabéns a todos vocês e em especial ao Miguel Cirilo pelo "Fragmento", ao Sanderson Negreiros pela sua "Aventura e Rotina" e também ao Varela Cavalcanti pela sua forte poesia.

Oswaldo França Júnior
Escritor – Belo Horizonte-Minas Gerais

LONGA VIDA

Acabo de receber o excelente jornal cultural O GALO. Que ele tenha longa e proveitosa vida. Que não acabe depenado pela inflação, temperado pela ignorância, e assadinho nesse fogo lento do desinteresse institucionalizado que consome o nosso enorme galinheiro, digo, o nosso enorme país.

Maria José Giglio
Escritora/São Roque-São Paulo

LUCIDEZ

Aqui estamos nós em Minas Gerais, recebendo periodicamente O GALO, jornal que pretendo receber sempre, pelo conteúdo, que só serve para acrescentar e estimular mais minha literatura. O nº de junho, por exemplo: o momento dedicado a Fernando Pessoa, as páginas a Gilberto Freyre, o bom gosto de apresentar, não só artistas badalados no momento, arte enxuta, lúcida, interpretativa, de refinamentos apropriados a quem deseja realmente ter cultura. Eis o que vocês nos proporcionam.

Desejo sinceramente continuar recebendo O GALO, pois entre amigos, já sentimos aqui em Minas Gerais bastante falta dele.

Lúcia Freire
Escritora/Juiz de Fora
Minas Gerais

TUDO

E viva O GALO! E viva a Cultura!

Da primeira à última página, tudo é interessante, tudo é informação, tudo agrada, tudo se lê, tudo se gosta.

Isto é O GALO – Cultura.

E é lendo que crescemos juntos criando novos Galos.

Quero parabenizar a equipe de O GALO e dizer da minha alegria de sabê-lo Galo cantador. Ei turma, deixem Galo cantar.

O Espaço Cultural Aberto, daqui do sul, se liga ao norte da divulgação da cultura.

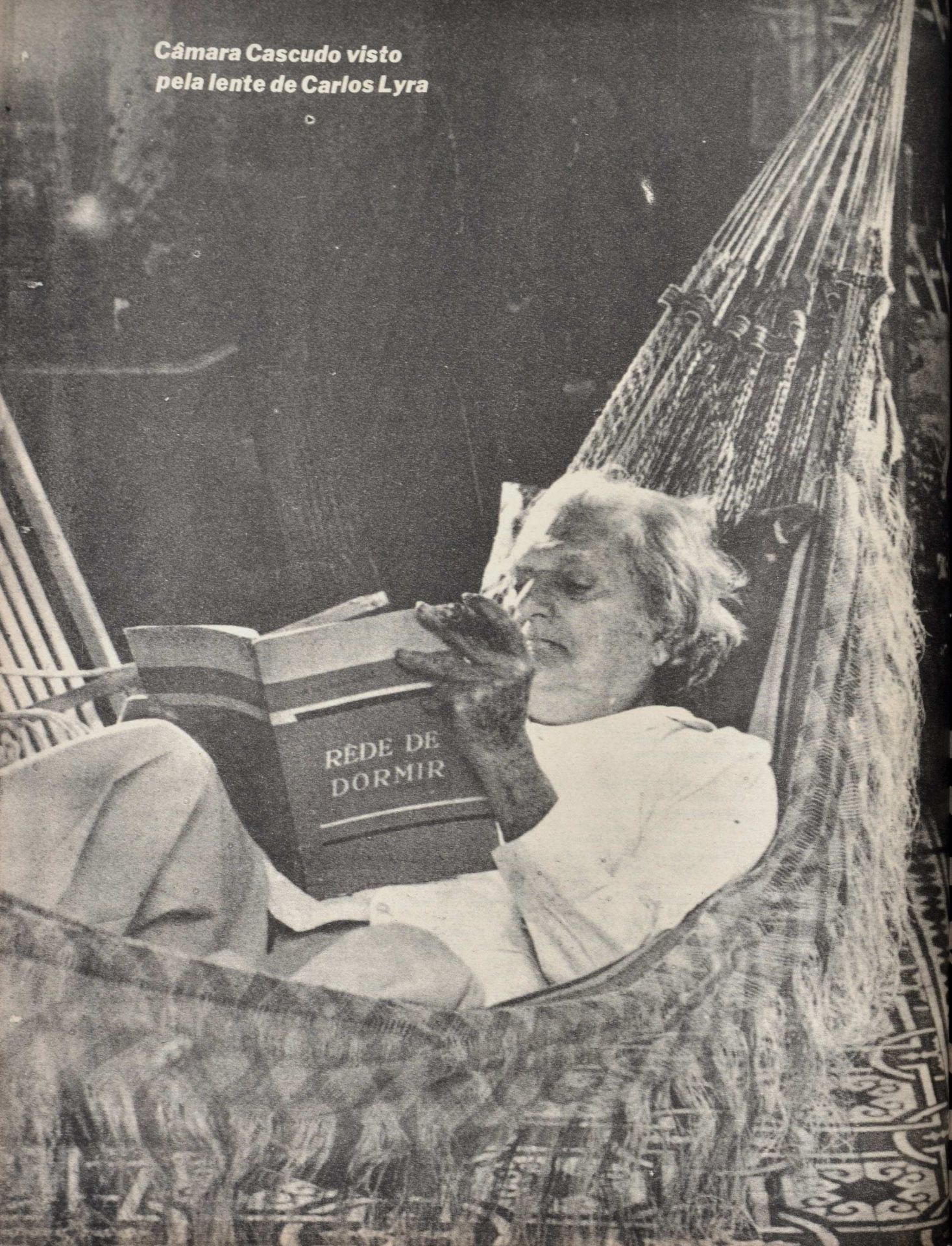
Professora Dónia de Freitas
Setor de Assuntos Culturais da Fundação Educacional da Região de Joinville-SC

RENASCIMENTO

Que o Canto desse Galo de Natal anuncie o Renascimento Cultural Brasileiro. Parabéns. Abraço.

Roberto Drummond
Escritor/Belo Horizonte-MG

Cartas para a redação de O GALO, rua Jundiaí, 641, Tirol – Natal-RN – CEP. 59.020 – Tel.: (084) 221.2936



Câmara Cascudo visto pela lente de Carlos Lyra